



revista



mensal | dezembro de 2020 | n° 6 | ano 27



[sescsp.org.br/revistae](https://www.facebook.com/sescsp.org.br/revistae)

[revistae@sescsp.org.br](mailto:revistae@sescsp.org.br)

Distribuição gratuita

Venda proibida

ISSN 2179907-5  
9 772179 907008



03309

TODOS OS SONS | REFÚGIOS HUMANOS | RETRATOS DO OFÍCIO | ZUZA, HOMEM DA MÚSICA | ROBERTO SCHWARZ |  
NAS RUAS E NAS REDES | SABERES NA ALDEIA E NA ESCOLA | ANTÔNIO TORRES | VAHAN AGOPYAN | ZUZA GONÇALVES





# Todo Cuidado Importa



“Só voltei a fazer atividades físicas quando o Sesc reabriu, porque aqui eu me sinto seguro”

Olegário Alves Lima  
frequentador do Sesc Interlagos



“Voltar pro Sesc é tudo de bom!”

Reginaldo José da Silva  
frequentador do Sesc Interlagos



“Eu estava sentindo falta de frequentar, e os protocolos estão bem legais!”

Tabata Kanelli Cardoso  
esteve presente na programação do Sesc Parque Dom Pedro II

O Sesc oferece programação em ambiente digital para que você fique em casa. Ao mesmo tempo, algumas de nossas atividades foram retomadas presencialmente respeitando todos os protocolos de segurança.

Tratamentos odontológicos, aulas de ginástica, exposições, bibliotecas e comedoria retomaram suas atividades para atendimento de grupos reduzidos, previamente agendados, para que todos se sintam seguros.

**Mais informações em [sescsp.org.br/voltagradual](https://sescsp.org.br/voltagradual)**



**“Essa reabertura foi a melhor coisa. Estava sentindo falta, pois o ambiente é tranquilo, agradável e higienizado”**

**Eric de Oliveira**  
consultor de vendas, frequentador da comedoria do Sesc Carmo

**“Sentia muita falta dessa interação com as pessoas, e continuamos fazendo as atividades online!”**

**Liliana Calderon**  
auxiliar administrativo, frequentadora do Sesc Bom Retiro

**“Muito atenciosos, tem todo o procedimento de higienizar as mãos, medir a temperatura, se preocupam muito com a distância entre uma pessoa e outra”**

**Fernanda Rodrigues Fernandes**  
autônoma, frequentadora do Sesc Belenzinho



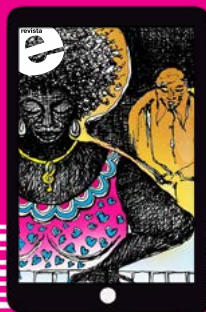


Iléa Ferraz

### IMAGEM DA CAPA

A ilustração na capa é obra da artista Iléa Ferraz produzida especialmente para acompanhar o texto da escritora Conceição Evaristo no projeto *Folhetim*. Trata-se de um experimento literário realizado pelo Sesc Pompeia, em que, a cada mês, um autor e um artista são convidados para uma produção inédita, publicada na plataforma Medium, na internet. Desde o mês de julho, outras duplas também participaram do projeto: Ricardo Terto e Oga Mendonça; e Aline Bei e Ianah Maia de Mello. Em dezembro, estreiam Luiz Rufatto e Tadeu Luiz da Costa. O conjunto das obras pode ser conferido em <https://medium.com/@folhetimsescpompeia>.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones



Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

## Compromisso com a promoção do bem-estar

O mês de dezembro marca o fechamento de um ano que apresentou inúmeros desafios para toda a população. O enfrentamento da pandemia do novo coronavírus trouxe consigo a necessidade de mudar a rotina e buscar soluções para problemas nas esferas da saúde, das políticas públicas, da economia como um todo e da educação. Nunca antes na história, a atual geração precisou lidar com uma epidemia de tamanhas proporções, o que demandou esforços coletivos e individuais para superar as dificuldades, com resiliência, criatividade e senso de solidariedade.

Ao longo de todos esses meses, o Sesc – Serviço Social do Comércio se manteve presente na vida dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e de seus familiares, seu público prioritário, bem como de toda a sociedade, na promoção do bem-estar, ainda que em condições tão adversas. Assim, manteve uma intensa programação no ambiente digital, oferecendo programações nos campos da cultura, dos esportes, da saúde e alimentação, mantendo e ampliando seu vínculo com os públicos diversos. Também intensificou suas ações em programas de âmbito social, a exemplo do trabalho realizado pelo Mesa Brasil Sesc. Desde agosto, iniciou o processo de retomada gradual e segura de atendimentos presenciais, na odontologia, nas exposições, no programa de esportes e nas comedorias. Reafirmando, assim, o compromisso com a valorização da vida e com o bem viver.

**ABRAM SZAJMAN**

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo



## SUMÁRIO

### Novas maneiras de ensinar música

O ano de 2020 foi intensamente desafiador e nenhum setor da sociedade escapou de adaptações. Assim também tem sido para as atividades artísticas, que desde o início da quarentena, em março, buscaram se reinventar, criando experiências, muitas vezes mediadas pelas tecnologias. No campo da formação musical, essa nova rotina viu crescer o número de cursos, oficinas, vivências e até ensaios realizados pela internet, mantendo os estudos e ampliando a diversidade de opções, como mostra reportagem desta edição da **Revista E**.

Os meios digitais e o ambiente das redes também são foco de estudo do pesquisador Pablo Ortellado. Ele fala, em *Entrevista*, sobre os cuidados para evitar que a internet potencialize desavenças e espalhe desinformação. O reitor da USP, Vahan Agopyan, aborda, em *Encontros*, os desafios da universidade em manter o ensino e a pesquisa ativos em tempos de pandemia. O pensador Roberto Schwarz comenta, em *Depoimento*, a ligação intelectual entre o crítico literário Antonio Candido e o sociólogo Florestan Fernandes. Na matéria *Gráfica*, imagens da exposição *Trabalhadores*, em cartaz no Sesc Santo Amaro, que traz a figura do trabalhador do século 20 retratado pelas artes visuais e pela literatura. A trajetória do musicólogo e escritor Zuza Homem de Mello é lembrada em *Perfil*. E, na seção *Inéditos*, conto do escritor Antônio Torres. Boa leitura!

**DANILO SANTOS DE MIRANDA**

Diretor do Sesc São Paulo



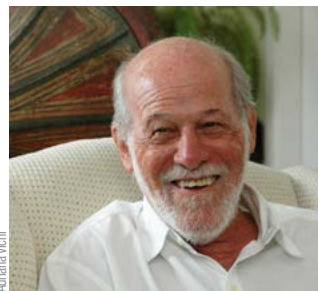
Adriana Vichi

Em ENTREVISTA, o doutor em Filosofia e professor da USP Pablo Ortellado reflete sobre fatores para desinformação e polaridade para além do ambiente virtual **10**



Phoatay

Seja como uma companhia, experiência ou aprendizado, a MUSICALIDADE ganha outros alcances nas plataformas digitais **18**



Adriana Vichi

No PERFIL, vida e legado do mestre ZUZA HOMEM DE MELLO, que viveu intensamente uma história de amor pela música **26**



Dinudgacão

Na GRÁFICA, a figura do trabalhador DA CIDADE AO CAMPO é interpretada por diferentes expressões das artes visuais **32**



Remoção

A contribuição e a troca de conhecimento fomentada pelo projeto REFÚGIOS HUMANOS para adaptação e inclusão de crianças e famílias refugiadas **48**

DOSSIÊ	<b>7</b>
EM PAUTA   SABERES NA ALDEIA E NA ESCOLA	<b>52</b>
ENCONTROS   VAHAN AGOPYAN	<b>58</b>
DEPOIMENTO   ROBERTO SCHWARZ	<b>62</b>
INÉDITOS   ANTÔNIO TORRES	<b>64</b>
ALMANAQUE PAULISTANO	<b>68</b>
P.S.   ZUZA GONÇALVES	<b>70</b>



# DESCUBRA

## *a Loja Sesc!*

Neste mês, encontre dicas interessantes e preços especiais nos livros, CDs e DVDs!



Acesse [sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)



Promoção por tempo limitado.  
[sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)

loja  
**Sesc**





Leonardo Rogério

## CONEXÃO SEM BARREIRAS

PROGRAMAÇÃO DE AÇÕES CULTURAIS E SOCIOEDUCATIVAS PROTAGONIZADAS POR PESSOAS COM E SEM DEFICIÊNCIA LEVANTA DESAFIOS ATUAIS QUANTO À ACESSIBILIDADE

De 3 a 10 de dezembro, o Sesc São Paulo realiza a *Semana Modos de Acessar*, projeto que enfatiza a participação ativa das pessoas com deficiência nas programações culturais e socioeducativas, além de realizar atividades que abordam temas concernentes à educação e às tecnologias para a acessibilidade, bem como barreiras, atitudes inclusivas e direitos sociais. Nesta edição, totalmente digital, serão ressaltadas duas cenas: produções culturais protagonizadas por pessoas com deficiência e tecnologias para a difusão de projetos nos meios virtuais – além da dimensão de acesso e de conexão entre pessoas com e sem deficiência.

“‘Todo artista tem de ir aonde o povo está’, diz a canção. Mas e se o artista não consegue chegar? A importância de eventos como a *Semana Modos de Acessar* é a de alertar para as questões que podem passar despercebidas aos olhos da maioria dominante. Não se trata só de leis ou de rampas apenas. Perceber e valorizar a diversidade deve ser o compromisso e o dever de todos, para garantir a cidadania, a autonomia, o direito de escolha e os acessos”, explica Sílvia Mayeda Dangelo, técnica de programação do Sesc São Paulo.

Um dos destaques da *Semana Modos de Acessar* é o projeto *Home Art*, elaborado por artistas, produtores e outros profissionais com e sem deficiência que atuam no campo da cultura. A proposta prevê a exibição de sete vídeos de artistas com deficiência que, no contexto de isolamento social provocado pela pandemia, desenvolveram performances em casa. Ainda compõem a programação cursos, debates, exibição de documentários e outras atividades realizadas, e disponibilizadas, nas redes sociais, no canal do YouTube do Sesc São Paulo e no portal do Sesc São Paulo. Acesso: [www.sescsp.org.br/modosdeacessar](http://www.sescsp.org.br/modosdeacessar).

**NÃO SE TRATA SÓ DE LEIS OU DE RAMPAS APENAS. PERCEBER E VALORIZAR A DIVERSIDADE DEVE SER O COMPROMISSO E O DEVER DE TODOS, PARA GARANTIR A CIDADANIA, A AUTONOMIA, O DIREITO DE ESCOLHA E OS ACESSOS**

**SÍLVIA MAYEDA DANDELO,**  
técnica de programação do Sesc São Paulo.



Divulgação

## ESTREIA NA VITROLA

O Sesc São Paulo mergulha no mundo dos LPs levando aos amantes da música um ritual que passa pela leitura do encarte e da capa, do manuseio do disco e da fruição de composições do Lado A ao Lado B. O primeiro bolachão do Selo Sesc é uma reedição do álbum **Donato Elétrico**, lançado em 2016 e indicado ao Grammy Latino de Melhor Álbum Instrumental do mesmo ano. Neste álbum duplo, composições inéditas de João Donato carregam a sonoridade da fase setentista do compositor e músico, dos discos *A Bad Donato* e *Donato/Deodato*. Ainda em caráter experimental, a experiência analógica do Selo Sesc deve abrir caminho para outros títulos. Saiba mais: [www.sescsp.org.br/selosesc](http://www.sescsp.org.br/selosesc).

## GARRINCHA, UMA ÓPERA DAS RUAS

O SescTV estreia, no dia 18/12, às 23h, o musical **Garrincha – Uma Ópera das Ruas**, encenado no palco do Sesc Pinheiros em 2016 e dirigido por Bob Wilson. Outro destaque da programação do canal neste mês é um documentário sobre o coletivo teatral Coletivo Estopô Balaio, desenvolvido a partir das dificuldades, perspectivas e sonhos de moradores do Jardim Romano, na Zona Leste de São Paulo. Sob direção de Cristiano Burlan, o documentário parte de cenas caseiras que retratam inundação na região, durante uma enchente no rio Tietê. Dia 12/12, às 22h. Ambos os programas estarão disponíveis *on demand*. Confira: [www.sesctv.org.br](http://www.sesctv.org.br).



Julian Momment

## PRÊMIO JABUTI

O livro *Memória da Amnésia: Políticas do Esquecimento* (2019), das Edições Sesc São Paulo, ficou entre os cinco finalistas do 62º Prêmio Jabuti na categoria Capa. A arte da capa desta obra foi desenvolvida por Fábio Prata e Flávia Nalon, do escritório PS2. No livro, a pesquisadora, artista e professora Giselle Beiguelman reúne ensaios textuais e visuais no campo das estéticas da memória.



Divulgação

## CONSCIÊNCIA EM AÇÃO

No Dia Mundial de Luta Contra a Aids (1º/12), o Sesc São Paulo realiza a terceira edição do projeto *Contato*. Neste ano, a programação, inteiramente online, promove informações sobre saúde, experiências de vida e outras reflexões sobre o tema HIV/Aids e IST. As atividades serão realizadas no canal do YouTube do Sesc São Paulo. Mais informações: [www.sescsp.org.br/contato](http://www.sescsp.org.br/contato).

## PODE TRANSBORDAR

Ao contrário da pintura e da escultura, a prática artística do bordado já foi considerada uma “arte menor” pelo sistema artístico. Essa desvalorização, no entanto, começou a ser fortemente questionada por diversos artistas já no final do século 19. Desde então, o bordado é cada vez mais reconhecido. É sob essa perspectiva de questionamento de hierarquias estéticas e sociais que se dá a exposição *Transbordar: Transgressões do Bordado na Arte*, sob a curadoria de Ana Paula Cavalcanti Simioni. Em cartaz no Sesc Pinheiros, a mostra reúne o trabalho de mais de 30 artistas de diversas gerações que discutem o lugar do bordado na arte, ao longo da história. Para visitar a exposição, é preciso fazer agendamento pela internet. Saiba como: [sescsp.org.br/pinheiros](http://sescsp.org.br/pinheiros).



Fábio Carvalho - Bai feliz buando





Ricardo Ferreira

Respeitável público! Acrobacia, magia e gargalhadas voltaram a encantar o público presencialmente no Sesc Parque Dom Pedro II. A retomada de apresentações circenses aconteceu em novembro com espetáculos do Circo Zanni e da trupe Arena Circus, seguindo os protocolos de segurança e saúde.

## NA GRANDE TELA

Reaberto desde o final de outubro, o CineSesc segue todos os protocolos de sanitização e segurança recomendados pelas autoridades públicas para que os cinéfilos de plantão possam retornar aos poucos. Em dezembro, a programação fica por conta da 21ª Retrospectiva do Cinema Brasileiro, que oferece a oportunidade de ver ou rever uma seleção de filmes nacionais que estrearam nas salas paulistanas de novembro de 2019 a outubro de 2020. Os espectadores ainda poderão conferir uma retrospectiva que homenageia o diretor Leon Hirszman (1937-1987), um dos expoentes do Cinema Novo. O CineSesc funciona em horário reduzido e com lotação máxima de 30% da capacidade da sala. O uso de máscara é obrigatório para entrada e permanência no local, e a venda de ingressos é feita exclusivamente pelo site [sescsp.org.br/cinesesc](https://sescsp.org.br/cinesesc).

+ DE **1 MILHÃO**  
DE VISUALIZAÇÕES DA  
PROGRAMAÇÃO DE FILMES  
DO SESC DIGITAL\*

De junho a dezembro de 2020

\*Número correspondente à soma de títulos em streaming da série Cinema #EmCasaComSesc, do CineClubinho e de 13 festivais de cinema que passaram pela plataforma do Sesc Digital



A Vida Invisível de Eurídice Gusmão / Divulgação



# Nas ruas e nas redes

Fotos: Adriana Vichi





DESAVENÇAS, FALTA DE DIÁLOGO E DESINFORMAÇÃO  
SÃO POTENCIALIZADAS PELAS REDES SOCIAIS, MAS A RAIZ  
DESSES PROBLEMAS PODE ESTAR FORA DO ESPAÇO VIRTUAL

**A**o criar a internet, as redes sociais e os aplicativos voltados para a comunicação, seus inventores buscavam derrubar fronteiras geográficas, aproximar pessoas e difundir conhecimento e informação, gratuitamente, para os usuários dessas ferramentas. No entanto, como ocorre com outras criações humanas, finalidades e maneiras de uso desdobram-se em variáveis. Professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Filosofia, Pablo Ortellado investiga as peças desse tabuleiro. Ele acredita que essas plataformas não são a causa em si para o atual cenário de polarização política, discursos de ódio e desinformação. “Com toda a certeza há o componente tecnológico. Ou seja, a estrutura, a forma e as mudanças nas tecnologias de comunicação impactam organizações diversas. Mas eu seria prudente ao atribuir a polarização política às redes sociais. A gente não tem nenhum elemento que indique que elas sejam a causa ou mesmo o componente principal”, diz. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai), Ortellado afirma que é preciso levar em consideração mais do que a influência da tecnologia sobre o comportamento da sociedade. Ainda é preciso

considerar os protagonistas por trás dessas plataformas, e de que forma uma legislação pode ser capaz de responsabilizar esses atores e conter o fenômeno das *fake news*. “Ela [*a indústria da tecnologia*] realmente organiza o debate político. Mesmo no Brasil, que já acumula mais horas de uso nessas redes do que assistindo à televisão. Por isso precisa haver uma regulação”, complementa.

**A polarização tanto na área política quanto nas relações interpessoais foi provocada pelas redes sociais?**

A resposta honesta para essa pergunta é que a gente não sabe. Com toda a certeza há o componente tecnológico. Ou seja, a estrutura, a forma e as mudanças nas tecnologias de comunicação impactam organizações diversas. Mas eu seria prudente em atribuir a polarização política às redes sociais. A gente não tem nenhum elemento que indique que elas sejam a causa ou mesmo o componente principal. Vou dar um fato contrário a essa tese: sabemos que a população mais velha está mais polarizada e essa parcela é a que menos usa as tecnologias digitais. Então, isso sugere que a gente olhe mais para as causas sociais e políticas. Claro, tem um componente de comunicação — a comunicação organiza politicamente e estrutura um debate —, mas hesito ao atribuir uma causalidade às tecnologias como acontece no documentário *O Dilema das Redes* (2020), sobre o qual pessoas estão discutindo e acho que de maneira muito apressada.

**Por que apressada?**

Quando os entrevistados falam do vício em tecnologia, que é o centro do documentário, acho que eles têm muito a dizer porque foram eles que a desenharam. A gente não vê o executivo, o engenheiro chefe, o pessoal que arquitetou tudo isso. Mas, quando se fala dos efeitos políticos, acho que os entrevistados estão sendo tecnodeterministas. Está longe de haver um consenso na comunidade que estuda as relações entre as tecnologias de comunicação e os processos sociais e políticos sobre se existe uma relação de causalidade. A gente tem dados conflitantes e ainda não conseguiu isolar esse fator.

**O documentário é feito com base em depoimentos de dissidentes. Ou seja, é o primeiro caso contemporâneo de pessoas que ajudaram a construir aplicativos, redes sociais, sites, e que agora estão “pulando fora”, assustadas com o que elas próprias criaram. Por quê?**

Em relação aos dissidentes é curioso porque se você olhar para outras indústrias vai ver que isso jamais aconteceu. Não aconteceu na indústria do tabaco ou na indústria automobilística. Então, tem um elemento aí. Eles reuniram muitos dissidentes,

NÃO FORAM OS ALGORITMOS  
QUE INVENTARAM ESSA NOSSA  
PREDISPOSIÇÃO A ESCOLHER CONVIVER  
COM PESSOAS QUE PENSAM PARECIDO

e acho que isso tem a ver com a natureza dessa indústria, que é muito particular. A indústria da tecnologia é “portadora de valores”. Ela acha — e esse é um discurso compartilhado por muitos autores — que é promotora de uma espécie de bem social. Promotora da democracia e da liberdade de expressão. Como se as ferramentas que ela está difundindo fossem um benefício para a humanidade. Esses valores estão muito encarnados dentro dessas empresas.

**Boa parte dos criadores da indústria da tecnologia, como a turma de Bill Gates e Steve Jobs, foi inspirada pelo movimento hippie. Tanto que havia, no início, essa ideia de uma comunidade aberta, de algo livre. Ou seja, ela nasce sob um espírito libertário, mas a impressão que se tem é que ela é tomada pela questão financeira. O que pensa a respeito?**

Isso é algo bastante estudado. Essas empresas de tecnologia sofreram muito impacto da contracultura, na qual a cibercultura está enraizada, assim como está enraizada na cultura acadêmica, que tem esses valores de colaboração e de conhecimento aberto. E essas empresas, por sua vez, estão muito enraizadas nas universidades. A Google nasceu de um projeto de dois doutorandos da Universidade Stanford, o Facebook nasceu do projeto de um estudante da Universidade Harvard. Por isso acho que essa é uma indústria bem particular.

**É justamente esse espírito libertário que atrapalha a própria indústria? Ela acaba se transformando nesse espaço para manifestações de ódio, de racismo, de xenofobia e intolerâncias de maneira geral?**



Se você olhar para o começo da internet até os anos 2010, havia uma crença genuína de que essas tecnologias digitais eram portadoras de transformações positivas. Era unânime isso. Aliás, quanto mais para o início da abertura da internet, nos anos 1990, mais forte era esse pensamento. Até o começo de 2010, há um papel libertário e revolucionário. Isso só mudou com o processo de polarização política e junto com ele o problema das notícias falsas. Então, a desinformação se consolidou de um lado e do outro lado a ascensão de governos populistas. Aí, esse panorama “róseo” que o mundo viveu da abertura da internet de 1995 até 2010 foi substituído por uma visão muito negativa.

### **Hoje se discute uma legislação para a responsabilização dessas empresas de tecnologia que veiculam notícias falsas. O que pensa disso?**

Acho que isso tem a ver com o que dissemos antes. Havia um entendimento de que essas tecnologias eram portadoras de um bem, de que elas encarnavam determinados valores. À medida que isso se mostrou flagrantemente falso, essa ideologia da não regulamentação também está indo embora. Nós estamos falando de regulação múltipla. Essas empresas já são reguladas no tocante à privacidade, à guarda de dados pessoais, mas acredito que haverá uma regulação que envolve o próprio conteúdo.

### **Como seria?**

Por exemplo, todo processo de moderação de conteúdo — desde a sua retirada, o que as empresas já fazem de acordo com seus termos de uso, até o processo de distribuição dos conteúdos — vai ser regulado mais cedo ou mais tarde. Porque, na verdade, essas empresas estão organizando o debate público, e não faz o menor sentido que o debate público, que depois vai gerar efeitos políticos concretos, seja organizado por uma empresa privada, seguindo regras privadas. O que as empresas fazem? Elas determinam o que entra e o que sai: o que entra livremente, o que é rotulado

como falso, o que é rotulado como questionável, o que é distribuído amplamente, o que é distribuído parcialmente e o que é retirado de circulação. Determinam também quem perde a conta e deixa de participar dessa esfera pública digital. Isso é poder demais para uma empresa ter. Ela realmente organiza o debate político. Mesmo no Brasil, que já acumula mais horas de uso nessas redes do que assistindo à televisão. Por isso precisa haver uma regulação, por isso o PL [projeto de lei] das Fake News.

### **Nos últimos meses, houve medidas de retirada de tweets de políticos, a exemplo de informações falsas sobre a Covid-19. Há aí uma questão de saúde pública, não de cerceamento à opinião. Por que o Twitter agiu dessa forma e o Facebook não derrubou postagens desse tipo?**

A diferença de abordagem tem a ver com o tamanho, a orientação e como a empresa é gerida. O Twitter é uma rede muito menor que o Facebook e tem um passado ativista. O Facebook é uma empresa mais comercial e vai além, já que dela fazem parte o Instagram e o WhatsApp — este último não é relevante nos Estados Unidos, mas é no resto do mundo. Saíram várias reportagens na imprensa americana, como no *New York Times* e *Washington Post*, mostrando que o Facebook fez muitos esforços para incorporar mais executivos ligados ao setor conservador, porque a empresa era entendida como de esquerda e com vínculos naturais com o Partido Democrata. Foi aí que ela passou a incorporar conservadores, para criar uma imagem mais equilibrada de si. E o Facebook sabe que, se aplicar de maneira uniforme as regras, vai prejudicar mais o campo conservador do que o campo progressista. E é por esse motivo que, de acordo com essas

ESSAS EMPRESAS  
DE TECNOLOGIA  
SOFRERAM MUITO  
IMPACTO DA  
CONTRACULTURA, NA  
QUAL A CIBERCULTURA  
ESTÁ ENRAIZADA,  
ASSIM COMO ESTÁ  
ENRAIZADA NA  
CULTURA ACADÊMICA,  
QUE TEM ESSES  
VALORES DE  
COLABORAÇÃO E  
DE CONHECIMENTO  
ABERTO

reportagens, a empresa criou essa excepcionalidade para o discurso político. O argumento do Facebook é o seguinte: o interesse do eleitor de conhecer a posição do seu representante prevalece sobre a obrigação da plataforma de retirar um conteúdo danoso.

**Nessa polarização, vemos as chamadas bolhas nas redes.**

**Como funcionam essas bolhas?**

Primeiro vamos definir. Quando a gente usa as ferramentas de mídias sociais, o ordenamento dos posts de um grupo de 300 pessoas, por exemplo, que você segue, não aparece em ordem cronológica. O algoritmo — conjunto de instruções da plataforma —, ordena os posts de uma determinada maneira. E esse ordenamento é uma tentativa do software de antecipar as nossas escolhas. O resultado disso seriam as tais bolhas. Ou seja, a gente vê muito mais mensagens parecidas com quem a gente é. Agora, essas bolhas, de certa maneira, reproduzem escolhas que a gente faz *offline*, as tais “câmeras de eco”. Quando a gente está fora, a gente sai para jantar com amigos que pensam como nós, a gente trabalha em ambientes parecidos conosco. Existe uma homogeneidade cultural e de valores nos lugares que a gente frequenta *offline*.

**São as bolhas que reforçam a polarização política atual?**

Há um argumento que diz que as bolhas criaram a polarização política ao fazer a gente só escutar vozes muito semelhantes às nossas, amplificando nossas convicções e segregando quem pensa diferente. Embora isso deva ter acontecido em alguma medida, essa ideia de causalidade sugere que aquilo que os algoritmos fazem é muito diferente do que o que a gente mesmo faz. E tem muitos estudos mostrando que não é tão diferente, talvez seja um pouco mais intenso. Por exemplo, na hora em que saio do meu trabalho, se sou uma pessoa de esquerda não vou procurar uma pessoa de direita para tomar uma cerveja. Ou seja, não foram os algoritmos que inventaram essa nossa predisposição a escolher conviver com pessoas que pensam parecido.

**E quanto à ideia de que, por intermédio da bolha, uma opinião minoritária ou um fato falso muito comentado e com repercussão se transforma em algo verdadeiro?**

SABEMOS QUE A POPULAÇÃO  
MAIS VELHA ESTÁ MAIS POLARIZADA  
E ESSA PARCELA É A QUE  
MENOS USA AS TECNOLOGIAS  
DIGITAIS. ENTÃO, ISSO SUGERE  
QUE A GENTE OLHE MAIS PARA AS  
CAUSAS SOCIAIS E POLÍTICAS

A natureza do problema que estamos vendo da desinformação não tem a mentira no centro, ela tem mais a distorção que a mentira. Esse é um elemento importante. Não sabemos o que deu origem ao processo de polarização, mas, quando ele se estabeleceu, as fontes de informação desse público segregado — a polarização no âmbito digital se manifesta pela segregação do público, ou seja, gente que só consome informação de determinado circuito e outro grupo de pessoas que só consome informação de outro circuito — geraram uma espécie de ecossistema (curtida de páginas, canais de YouTube, sites de notícias) que alimenta esse público segregado. E o que fazem essas páginas, contas e canais? Elas basicamente pegam os fatos do dia noticiados pela imprensa tradicional, atribuindo a própria ideologia e visão de mundo para aquela notícia. Dessa forma, elas cumprem o papel de alimentar seu público com a perspectiva daquele campo político sobre aqueles fatos. Só que eles não estão fazendo isso na forma de opinião política. Eles estão fazendo isso na forma de uma apresentação distorcida das informações.

**De que forma?**

Os sites de notícias falsas parecem ser de notícias verdadeiras porque eles têm uma forma noticiosa, têm manchete, aspas, lead, enfim, um formato noticioso. Mas eles não seguem um procedimento jornalístico, não fazem apuração nem reportagem. Não verificam





documentos nem ligam para fontes. Você pode pegar qualquer um desses sites e vai ver que a maioria das coisas ali não são mentiras, mas distorções. Uma manchete em desacordo com o texto, alguma coisa tirada do contexto ou exagerada e de vez em quando uma mentira. Essa é a natureza do problema. O que está acontecendo é que o sistema de interpretação se descolou do sistema de apuração da notícia e de determinação dos fatos da ciência. Então, a gente tinha duas instituições que se ocupavam de determinar fatos: o jornalismo (fatos políticos) e a ciência (fatos científicos). Não tinha interpretações ideológicas. Quem fazia isso: comentaristas, ativistas, os políticos. Esse sistema se autonomizou e agora apresenta os fatos. Quando isso acontece dos dois lados do espectro, não temos fatos em comum com uma leitura de direita e outra de esquerda. Isso torna preocupante a segregação de públicos. Então, o terreno comum é que os fatos desapareceram e não estamos debatendo a interpretação dos fatos, estamos debatendo uma ideologia que se desgarrou da verdade factual.

**Ao longo da história, sempre houve notícias que pendiam para uma ideologia ou outra. Mas hoje há um número expandido de pessoas que manipulam as notícias por interesses diversos. Discursos racistas, misóginos, radicais de direita e de esquerda.**

Como em tudo, há continuidades e mudanças no âmbito social. Por exemplo, mentira na política não é algo novo. Jornalismo editorializado não é novo. Porém, tem uma coisa bem nova nisso tudo: a distribuição não é de massa. Isso é bem novo e isso tem a ver com a natureza do nosso problema contemporâneo. Quem distribui a mensagem? Somos nós. E isso é bastante importante, porque nós não estamos falando só de um ator malicioso que está produzindo informação, mas também de um público hiperengajado e segregado que está lendo e passando adiante essa informação. E essa mudança é bastante significativa. Porque, para esse esquema funcionar, preciso de um público que esteja segregado, apaixonado e superengajado, algo que não era necessário no esquema anterior. Não à toa, a gente sabe que a força, a intensidade do sentimento que é despertado por uma mensagem social, está diretamente associada com a quantidade de compartilhamento. Sobre tudo informações fortes como ódio, indignação e medo. Esses três sentimentos

que as mensagens despertam fazem o usuário apertar o botão de compartilhamento. Então, não é suficiente ter uma máquina de produção de informações desconhecidas, é preciso ter um público assustado, indignado e com ódio para que ele receba as minhas informações e, movido por esses sentimentos, passe as informações adiante. Falamos aí de uma boa parte da população brasileira, e é por isso que a gente tem visto o engajamento nas mídias sociais subir e também a participação em protestos.

**Se faz necessária a educação midiática para que as pessoas tenham consciência de que a internet não é “terra de ninguém” e que ela está sob uma legislação?**

Falta educação midiática para as pessoas entenderem esse cenário, mas acho que a natureza do problema está além. Porque o problema não é de ignorância das pessoas. Tanto é que a gente sabe, por exemplo, que o consumo de desinformação aumenta com a escolaridade. Não é que as pessoas são mal informadas, é que elas estão hiperengajadas. É um problema de natureza política, de um engajamento político ruim no qual a gente fica muito ativo politicamente e começa a ter comportamentos de grupos de poucas reflexões, que vão gerando divisão na sociedade, intolerância política e que vão caminhando para a violência. Não tenho dúvida de que estamos caminhando a um ritmo rápido para uma intolerância tão crescente que vai gerar mais violência política no futuro. A gente se meteu numa dinâmica política da qual precisa escapar, do contrário ela vai nos afundar ainda mais, porque a gente ainda não chegou ao fundo do poço.

**No documentário *O Dilema das Redes*, um dos entrevistados levanta até a possibilidade de uma guerra civil se não houver uma legislação que regule essa disseminação de ódio e ações de intolerância. Qual sua opinião a respeito?**

Isso está acontecendo, não há dúvida. Só que não atribuo isso às redes sociais. Escrevi na



## NÃO ESTAMOS DEBATENDO A INTERPRETAÇÃO DOS FATOS, ESTAMOS DEBATENDO UMA IDEOLOGIA QUE SE DESGARROU NA VERDADE FACTUAL

minha coluna no jornal *Folha de S.Paulo* sobre isso: pesquisadores dos Estados Unidos, os mais importantes que investigam o fenômeno da polarização, chamaram a atenção. Foi um caso curioso, porque eles estavam pesquisando, em paralelo à questão da violência política, a abertura de grupos politizados à violência política. E, quando eles juntaram seus bancos de dados, descobriram que haviam feito perguntas formuladas de maneira igual, o que permitiu que montassem uma série histórica. Eles viram que de 2017 para cá, entre as pessoas que se identificam como democratas e republicanas, o número daquelas que consideram justificável o uso de violência para atingir finalidades políticas saltou de 8% para 33%. Por volta de 20% dos dois grupos acham que é justificável o uso de violência caso o seu partido perca as eleições.

### **Qual sua opinião sobre guerras culturais e agora o tal “cancelamento” nas redes sociais?**

As guerras culturais têm uma origem. E, claro, todas as transformações sociais têm manifestação dentro dessa nova forma de comunicação, mas não atribuo a emergência disso a essas plataformas. O que aconteceu foi que um sistema político entrou em crise e ele incorporou movimentos da sociedade civil. Se você buscar a gênese das guerras culturais, elas são uma reação do campo conservador às mudanças nas relações interpessoais. Então, nos anos 1960 e 1970, a gente tem o movimento gay, o movimento feminista e a contracultura enfatizando mudanças nas relações entre as

pessoas, na forma como homens e mulheres, brancos e negros se relacionavam. Essas mudanças começaram a se enraizar na sociedade. Mais ou menos com uma geração de atraso, os conservadores perceberam que isso estava virando a nova norma social. Quando as guerras culturais foram deflagradas nos anos 1990, ocorreu uma mudança no campo político. Havia um fenômeno de indiferenciação entre esquerda e direita e um descrédito da política, ou seja, a desconfiança em partidos políticos e em instituições do governo. A crise que advém dessa indiferenciação da política foi substituída por uma hiperdiferenciação. Dessa forma, as guerras culturais são abraçadas pela política, isso vira o centro da separação entre esquerda e direita, e o resultado é a polarização política.

### **O WhatsApp no Brasil é um fenômeno. Uma rede de comunicação entre amigos e conhecidos que se tornou um dos grandes propagadores de fake news. Como vê o uso dessa plataforma?**

O problema do WhatsApp tem o protagonismo brasileiro. A gente viu o uso do WhatsApp na campanha do referendo na Colômbia, nas eleições presidenciais mexicanas, mas em 2018 foi uma revolução ter uma campanha desenhada em cima do WhatsApp, como a do atual presidente brasileiro. Houve certo brilhantismo intuitivo dessa campanha ao perceber que o aplicativo tinha características próprias por causa da sua forma. Por exemplo, se eu viralizo uma mensagem no WhatsApp, eu não sei de onde ela veio. É diferente no Facebook ou no Twitter. Por eu não saber de onde ela vem, aí é o lugar onde posso jogar sujo. Consigo saber apenas quem foi a última pessoa que me enviou. A segunda característica desse aplicativo é que ele não permite resposta. Quando respondo a uma mensagem dessas, a minha resposta não é redistribuída pela cadeia, só consigo responder a um pedacinho da cadeia de distribuição que me diz respeito. Então, isso mata o debate público. E é esse problema, sobretudo, no PL das *Fake News*: rastrear no WhatsApp as mensagens virais. Ele tenta aplicar um tratamento regulatório diferenciado: preserva-se a privacidade das mensagens interpessoais, mas é preciso retirar do anonimato essas mensagens de massa, permitindo reconstruir a cadeia de sua distribuição. Aí você dá instrumentos de investigação para a Polícia Federal e para o Ministério Público poderem saber de onde veio a notícia. ■

# Todos os sons

FRUIÇÃO E  
EDUCAÇÃO  
MUSICAL  
NÃO FORMAL  
ABREM PORTAS  
PARA DIFERENTES  
POSSIBILIDADES  
E ENCONTROS  
NO MEIO DIGITAL



“ T

udo está ligado à música”, já disse o multi-instrumentista Hermeto Pascoal.

“Música não é só tocar um instrumento, é poder conversar com você, é ver as pessoas exercendo seus ofícios, trabalhando, vivendo. Ela está em todos os contextos”, respondeu o Bruxo dos Sons, em entrevista à *Revista do SescTV* ([leia aqui](#)). De fato, entre tantas expressões artísticas, a música pode nascer da simples emissão de um som pela boca ou do movimento do corpo. Ela está no canto de um passarinho que pousa à janela e até no apito da panela de pressão. A música habita diferentes espaços e culturas, mas, durante a pandemia, foi além. Artistas dos quatro cantos do mundo começaram a se apresentar para milhões de pessoas, simultaneamente, em plataformas digitais, e educadores adaptaram cursos e vivências para o ambiente online. Nessa partitura, novas possibilidades de ensino não formal e de fruição derrubaram fronteiras geográficas.

O maestro e professor Inaldo Spok Cavalcante de Albuquerque, o Maestro Spok, da SpokFrevo Orquestra (PE), observa de maneira positiva o ensino da música no meio digital. “A música, inclusive, por várias ocasiões fez com que surgissem diferentes softwares. As tecnologias digitais têm sido uma grande realidade, por exemplo, no ensino, não só nas artes em si, mas também no desenvolvimento social. Elas podem ser uma ferramenta muito importante na aproximação, no caso, do aluno e do professor”, nota.

Tendo em vista esse cenário, o músico e professor Kaique Falabella pensou em como se adaptar ao ensino remoto. “A música vem muito da troca do olhar, de estar com os instrumentos, mas, como o encontro presencial ainda não é possível, adaptamos muita coisa, inclusive o corpo como suporte para as aulas. Podemos usar tanto o corpo quanto instrumentos musicais não convencionais, ferramentas online e aplicativos”, conta.





Pensando no público infantil, e numa forma de associar a música à brincadeira e a uma experiência para ser compartilhada entre pais, cuidadores e filhos, Kaique conduz a websérie *Sons da Casa* (leia mais no boxe Rede ampliada), disponível no canal do YouTube do Sesc São Paulo. E, para as crianças, a musicalização, desde os primeiros anos de vida, estimula a imaginação, a sensibilidade, o desenvolvimento da memória, da afetividade e do respeito pelos outros.

Em vídeos curtos, o educador convida quem está do outro lado da tela a buscar objetos na cozinha, na sala ou no quarto e descobrir que eles também são fazedores de melodia. “Ao encontrar a musicalidade dentro de si, você não precisa de um instrumento musical, porque todos os objetos podem se tornar musicais dependendo da função que se dá para eles. Uma caneta, por exemplo, pode ter a função de escrever ou ser uma baqueta”, diz.

Apesar de o programa ser voltado para as crianças, Kaique nota que os adultos também entram na roda, ainda que com certa timidez. Sobre esse impasse, “música para criança” e “música para adulto”, o professor gosta de responder parafraseando o maestro Hélio Ziskind: “A música é como o mar: enquanto o adulto fica na beirinha, a criança se joga, mergulha.

É que, com o passar do tempo, as pessoas vão deixando essa música elemental de lado, conforme aparecem as responsabilidades, mas eu penso que esse momento em família traz o adulto para a fruição musical. Por isso, *Sons da Casa* é um convite para toda a família brincar junta”, reforça.

## Navegar com atenção

Para o músico e educador do Centro de Música do Sesc Vila Mariana Valdir Maia, é importante frisar que as aulas na rede não substituem a aula presencial e coletiva. “Não há tecnologia que nos permita ouvir a todos de maneira síncrona, por exemplo. O máximo que posso fazer como professor (na sala de aula online) é pedir aos alunos que fechem os microfones e toquem a melodia que estou tocando na casa deles”, explica. Mesmo assim, ele destaca, “o virtual está presente neste momento e creio que ele seguirá presente como mais uma ferramenta”.

Além de concordar com a relevância do encontro presencial, o Maestro Spok faz outras ressalvas ao ambiente digital. “Só acho que temos que ter muito cuidado com nossa direção, para que não nos percamos com a quantidade de informações. Devemos nos preocupar e estarmos atentos em sermos uma espécie de





ponte, de conexão, e provocarmos reflexões, pois existem vários benefícios em tudo isso, porém perigos também”, alerta. Por isso, para escolher a escola ou o professor que irá ministrar um curso de música à distância, seja para realizar o sonho de tocar um instrumento ou para aprender teoria da música, é imprescindível analisar criteriosamente as opções na internet.

## Cuidado e companhia

Para além do ensino não formal e da prática, a fruição musical ocupa esse lugar de companhia e de alento, principalmente, nesse momento de restrição social. Acordar, ligar o rádio e trabalhar, cozinhar enquanto escuta um disco na vitrola, caminhar no parque ao som de uma playlist do aplicativo de música. Lá estão: letra e canção estimulando, acalmando ou simplesmente fazendo companhia em ações rotineiras.

“A música está presente em nossa vida desde que a gente nasce. Numa canção de ninar, que traz um sentimento bom, num *Parabéns para Você* numa festa de aniversário, num momento de comemoração com amigos. Ela está relacionada a algo que nos traz prazer e relaxamento, e na pandemia está ajudando muito até no momento de focar ou de relaxar”, observa o

educador musical Valdir Maia. “Ela está ali para você sair da zona de pensamentos nos quais você está amarrado e o leva para outro lugar.”

Por isso, a doutora em Educação e musicoterapeuta Ilza Zenker defende que “todas as experiências musicais são muito importantes”. No debate *Educação Musical, Diversidade, Inclusão e Autonomia*, parte da série *#MúsicaBrasileiraEmPauta*, realizada pelo Centro de Música do Sesc São Paulo, ela disse que “essas experiências musicais são importantes para uma rotina, para sua memória afetiva e para sua longevidade: como você a constrói e a resgata na idade mais velha, porque é esse o alimento espiritual que nos faz pessoas mais sensíveis”.

Considerada por muitos um tipo de “remédio” para a alma, a música tem ajudado milhares de pessoas a passar por momentos de solidão e perda. “Ao apreciarmos uma música, por exemplo, acabamos nos envolvendo com muitas coisas, com muitos outros ao redor, mesmo estando sozinhos. Ela nos ajuda nesses momentos. É o sentido de agrupamento, de coletividade, criação, produção, expressão, terapia, e isso é arte, é cultura. E como já escreveu Friedrich Nietzsche: a arte existe para que a realidade não nos destrua”, arremata o Maestro Spok. ■

# Rede ampliada

ALUNOS E EDUCADORES FAZEM ENCONTROS ONLINE PARA COMPARTILHAR OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Desde sua criação, em 1978, o Centro de Música do Sesc São Paulo se expandiu e está presente no Sesc Consolação (1989), Sesc Vila Mariana (1997) e Sesc Guarulhos (2019). A cada etapa, o CM foi ganhando novos instrumentos, temáticas e um novo olhar sobre o ensino da música, sempre voltado ao coletivo e à abrangência de público. Com a pandemia, no entanto, as unidades não puderam mais receber presencialmente os alunos, o que acelerou o processo de instalação do Centro de Música também no ambiente virtual.

Para isso, as equipes das três unidades do Sesc São Paulo fizeram uma programação em conjunto para atender todas as idades, todos os graus de relação com a música, professores, família e apreciadores, da melhor maneira possível. Na programação realizada nas redes sociais, plataformas de videochamadas e canal do YouTube do Centro de Música, cursos, webséries, debates e outras atividades estão disponíveis ao público para além do estado de São Paulo.

“Com mais de 40 anos de atividade presencial de ensino coletivo e colaborativo, o campo virtual foi um desafio para a equipe dos Centros de Música, ainda mais em meio à pandemia. Apesar disso, trouxe muitos aprendizados e apropriações para todos e ampliou a possibilidade de trocas com alunos e professores de outros lugares do país”, explica Sonoe Juliana Ono Fonseca, assistente técnica da área de Música na Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo. “É uma construção coletiva diferente, mas que também propicia encontros e compartilhamentos possíveis no momento presente.”

Confira alguns destaques da programação de dezembro:

## CURSOS

### Workshop de Frevo com o Maestro Spok

Neste workshop ministrado por Inaldo Spok Cavalcante de Albuquerque, o Maestro Spok, da SpokFrevo Orquestra (PE), serão abordados os principais aspectos que caracterizam o frevo como identidade cultural pernambucana e Patrimônio Imaterial da Humanidade. História, compositores, peculiaridades musicais, o frevo nos festivais de jazz internacionais e perspectivas para o futuro. (Dias 1º, 3 e 8/12, das 19h às 20h30).

Flora Negri

### Gêneros Musicais com Márcio Guedes

O que está por trás de conceitos como samba, choro, baião, jazz, pop ou rock? Quando e por que uma prática musical pode ser classificada como um gênero? O que é gênero musical? Buscando refletir sobre essas e outras questões quanto ao conceito de gênero em música, o doutor em Música, co-organizador e coautor do livro *Protagonistas do Ensino Musical e Suas Trajetórias* (Cartago, 2018), Márcio Guedes faz uma abordagem interdisciplinar sobre as práticas musicais nos âmbitos da música popular e erudita. (Dia 11/12).

Osmar Moura





## conversas

### #Música Brasileira EmPauta

Série de bate-papos com educadores musicais do Sesc São Paulo e professores convidados que apresentam reflexões e interpretações sobre a música brasileira. Participaram do primeiro encontro — *Educação Musical, Diversidade, Inclusão e Autonomia* — a educadora do Sesc Sheila Ferreira e a doutora em Educação e especialista em musicoterapia Ilza Zenker. (Assista no [canal do Centro de Música do Sesc no YouTube](#)).



Reprodução



Reprodução

### Os Anos da Virada

Na websérie de quatro episódios, o jornalista Ricardo Alexandre destaca as principais transformações no cenário musical brasileiro nas viradas das décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. Em cada episódio, o jornalista recebe um convidado — Sérgio Dias (Os Mutantes), Guilherme Arantes, Sérgio Britto (Titãs) e Fernanda Takai (Pato Fu) — para falar sobre o contexto político, histórico, social e cultural de cada período. (Assista no [canal do Centro de Música do Sesc no YouTube](#)).

### Papo Pop

Nessa websérie que teve início no dia 7/11 e se encerra em dezembro, os músicos Bozzo Barretti e Murilo Lima debatem as transformações da música popular brasileira ao longo das décadas baseando-se em canções icônicas de cada período. Em seis episódios, a série traça um percurso (dos anos 1960 até os anos 2000) do que se convencionou chamar de música pop. (Confira todos os episódios e o encerramento no dia 12/12, às 18h, no [canal do Centro de Música do Sesc no YouTube](#)).



Reprodução

## experimente

### Sons de Casa

O músico e arte-educador [Kaique Falabella](#) e os educadores do Centro de Música oferecem sugestões de exploração sonora utilizando objetos comuns encontrados em casa. Chaves, colheres, latas, potes, panelas e até mesmo folhas de papel orquestram a diversão de descobrir que a música está em toda parte. (Assista no [canal do Centro de Música do Sesc no YouTube](#)).



Maurício Conti

Acompanhe outras ações do Centro de Música do Sesc no [canal do YouTube](#) e nas redes sociais [instagram.com/cmsesc](#), [facebook.com/cmsesc](#) e [twitter.com/cmsesc](#)



# Vem de lá

INTÉRPRETES, BANDAS E ORQUESTRAS  
SINFÔNICAS TRANSFORMAM LARES EM PALCO

Músicos reconhecidos do país e de fora abriram a porta de casa para transmitir apresentações ao vivo em lives do Instagram ou no YouTube. Repertórios próprios e composições de outros artistas pelos quais tinham afeto e boas recordações entram no *setlist* acompanhado por milhões de lares do Brasil e do mundo. Orquestras e oficinas também subiram nesse palco virtual que reuniu um público saudoso da fila do gargarejo.

Conheça algumas dessas iniciativas:



Mariana Garcia

## Sala São Paulo

Do começo da pandemia até o dia 16 de outubro, quando reabriu as portas, a Sala São Paulo Digital levou ao público apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), além de disponibilizar outros concertos do acervo pelas redes sociais e pelo canal no YouTube. Assista: [salasaopaulo.art.br](http://salasaopaulo.art.br).

## Shows em casa

Desde o dia 19 de abril, a programação do Sesc Ao Vivo vem atraindo milhões de espectadores da série *Música #EmCasaComSesc*. Gravadas diretamente da casa de artistas brasileiros e, desde outubro, em palcos das unidades do Sesc São Paulo, as lives aproximaram cantores, cantoras, grupos e instrumentistas de diversos gêneros musicais do público. Até o mês de dezembro já foram transmitidas mais de 200 lives, visualizadas por mais de 5 milhões de pessoas. Acompanhe a programação nas redes sociais e no canal do YouTube do Sesc São Paulo.

## Choro em pauta

O bandolinista

Hamilton de Holanda encontrou no ambiente online uma forma de se aproximar do público com apresentações e troca de conhecimento.

Além de realizar uma live pelo Música #EmCasaComSesc com o acordeonista Mestrinho, em abril, o músico criou, com o produtor Marcos Portinari, o *NOSSOBANDO - Festival de Ideias Colaborativas*, evento que reuniu músicos, pesquisadores e apreciadores para discutir ideias sobre o bandolim de dez cordas e o choro. Saiba mais: [www.sescsp.org.br/online/artigo/14570\\_NAS+CORDAS+DA+CRIACAO](http://www.sescsp.org.br/online/artigo/14570_NAS+CORDAS+DA+CRIACAO).



Dani Gurgel

## Rainha das Lives

A cantora Teresa Cristina arrebatou uma legião de fãs e seguidores do seu perfil no Instagram ao interpretar à capela composições de artistas brasileiros de diversos gêneros musicais de 26 de março a 15 de outubro. Ela recebeu o título de “Rainha das Lives” pela incansável missão de levar música diariamente aos lares de milhares de pessoas. Pelo Música #EmCasaComSesc, Teresa Cristina também cantou e encantou, só no gogó, internautas que a acompanharam pelas redes sociais e pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo. Conheça: [www.instagram.com/teresacristinaoficial/](http://www.instagram.com/teresacristinaoficial/).



Reprodução

## Música #EmCasaComSesc

+ de **200** lives

+ de **5 milhões** de visualizações

Fonte: Sesc São Paulo/De 19 de abril a dezembro de 2020



# contato

Ações para promoção da saúde sexual  
e prevenção das IST e Aids

Atividades online  
sobre saúde e  
experiências de vida  
que estimulam a reflexão  
sobre ISTs e HIV/Aids,  
e possibilitam a quebra  
de estigmas e preconceitos.

**dezembro de 2020**

Acompanhe a programação:  
**[sescsp.org.br/contato](https://sescsp.org.br/contato)**





Ana Othman/Folha press

Em um de seus  
lugares favoritos:  
rodeado por sua  
coleção de discos  
(São Paulo, 2003)



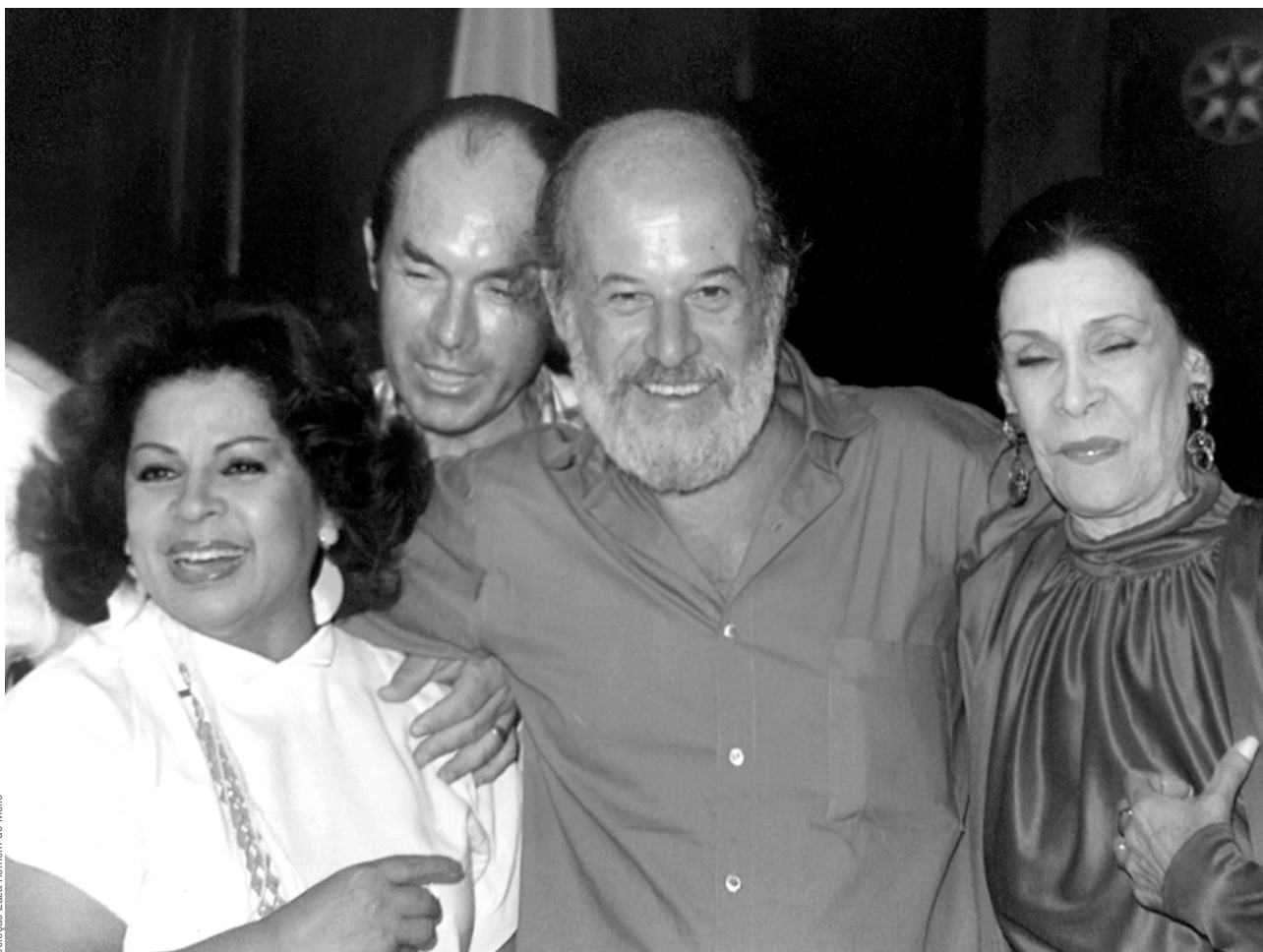


# ZUZA, *homem da* MÚSICA

EM MAIS DE 60 ANOS DE  
ATIVIDADE, O MESTRE DE  
ELEGÂNCIA DISCRETA VIVEU  
INTENSAMENTE SUA HISTÓRIA  
DE AMOR PELAS CANÇÕES E  
MELODIAS BRASILEIRAS

Não é de admirar que Zuza Homem de Mello comparasse a vida à música, ao dizer que ambas eram feitas de picos, de alternâncias. Os picos para ele transpareciam em “momentos chave da canção”. Em seus 87 anos de vida, encerrados na madrugada do dia 4 de outubro, ficou claro que os momentos altos e chaves foram muitos e estavam imersos em trilha sonora de primeiríssima qualidade. Do contato com o rádio, ainda criança, na década de 1930, em São Paulo, ao contrabaixo que deveria ser estudado profissionalmente, a sério. Esse foi o pedido dos pais, interessados pela rotina do jovem, que na época chegava tarde em casa, depois das apresentações em bares.

O desejo da família se expressava no filho engenheiro, mas Zuza não se identificava com a carreira. O que parecia ser um puxão de orelha foi um impulso fundamental para os estudos musicais, no Brasil e em Nova York, a meca do jazz – uma de suas paixões.



Na comemoração dos 10 anos do programa do Zuzi no Bar Inverno & Verão, acompanhado pela cantora Angela Maria, pelo museólogo Luiz Ernesto Kawall e pela cantora e instrumentista Nora Ney (São Paulo, 1987)

#### NO COMPASSO

Em 1955, trocou de vez a engenharia pela música e, um ano depois, estava com a máquina de escrever tinindo para a produção de seus textos jornalísticos. Sua coluna semanal na *Folha da Noite* era sobre jazz. Nos anos de 1957 e 1958, passou uma temporada nos Estados Unidos. Foi aluno da School of Jazz, em Tanglewood, teve aulas com Ray Brown, estudou musicologia na Juilliard School of Music e literatura inglesa na New York University e foi estagiário na Atlantic Records, fundada em 1947. Com seu logo emblemático nas cores amarelo, rosa, verde e laranja, com o A de Atlantic em destaque, foi a casa musical de Aretha Franklin, Led Zeppelin, Ray Charles, Otis Redding, The Rolling Stones, Cher.

Sua estadia em Nova York foi profícua em shows. No verão de 1957 assistiu ao pianista Thelonious Monk e ao saxofonista John Coltrane no clube Five Spot Cafe, onde tocaram, semanalmente, por seis meses. A profusão de experiências era a cereja no bolo de sua carreira, seja como crítico, apresentador, pesquisador, seja como colunista. Reportou o passado sem saudosismo e se mostrou um entusiasta do momento presente, como vemos em seus livros, indispensáveis para entender a música brasileira e seus personagens.

Zuzi é também uma referência para outros pesquisadores. “Um marco na literatura musical”, resume o historiador e escritor carioca André Diniz, reforçando a formação sólida na linguagem musical. Segundo Diniz, suas experiências internacionais ▶



# Para ler, ver e ouvir

UM ROTEIRO PARA AGUÇAR OS SENTIDOS

## Online

Zuza foi presença em *lives*, formato explorado ao máximo neste ano. Em parceria com o jornalista Lucas Nobile esteve em *Muito Prazer, Meu Primeiro Disco*, série digital do Sesc Pinheiros, em trabalho de revisão das estreias fonográficas de nomes importantes da música. Os encontros foram mediados pela jornalista Adriana Couto e apresentaram papos surpreendentes com Gilberto Gil e Chico Buarque. <https://sesc.digital/colecao/54742/muito-prazer-meu-primeiro-disco>



## A Era dos Festivais – Uma Parábola (2003, Editora 34)

Livro clássico e recheado de detalhes sobre a cena artística da chamada Era dos Festivais no Brasil, durante os anos 1960. Testemunha ocular desse período, Zuza fez um relato que se desdobrou no documentário *Uma Noite em 67* (2010) – de Renato Calil e Ricardo Terra –, do qual ele foi consultor e intermediário na obtenção de entrevistas preciosas, como a de Roberto Carlos.



## Zuza, Homem do Jazz (2018)

O documentário de Janaina Dalri apresenta curiosidades, ao mesmo tempo que costura a vida do crítico de jazz e sua vivência nova-iorquina no fim dos anos 1950. <https://www.looke.com.br/filmes/zuza-homem-de-jazz>

## Playlist do Zuza

Ao fim de cada edição do programa de rádio, Zuza agradecia ao prezado ouvinte que estava do outro lado, em sua conexão radiofônica, sem limites de gêneros e estilos. O programa foi ao ar, pela primeira vez, em 2017, abordando a diversidade da música popular e seu conhecimento acumulado em mais de 60 anos de atividade profissional. <https://radiobatuta.com.br/categoria-programa/playlist-do-zuza/>



Marco Aurelio Olimpio

Registro de Zuza Homem de Mello conduzindo bate-papos com artistas da música brasileira pelo projeto *Ouvindo Estrelas*, realizado no Sesc Pompeia (São Paulo, 1994)



Marco Aurélio Olimpio

De braços abertos à música e aos ouvintes, o mestre dava início à gravação do programa *Playlist do Zuza*, na Rádio USP (São Paulo, 2019)

- e sua capacidade de produzir programas e artistas resultaram na construção de uma trajetória intelectual por meio da qual pesquisadores de diversos lugares pudessem aprofundar seus estudos. “Aumentando substancialmente a capacidade de entender esses muitos brasis através da música popular”, afirma.

#### COLEÇÕES

Dono de um acervo composto por mais de dez mil discos, divididos por seções e em ordem alfabética, selecionava de lá as faixas de suas aulas e programa semanal de rádio, a *Playlist do Zuza*, uma parceria da Rádio USP com a Rádio Batuta, do Instituto Moreira Salles. Sua coleção de credenciais de festivais era um passeio à parte pela história dos festivais brasileiros e internacionais.

O antes e depois de Zuza Homem de Mello nas pesquisas sobre a música popular brasileira reverbera, também, em sua atuação como produtor e diretor artístico, em diálogo com variados estilos e gerações.

Nos anos 1970, em São Paulo, dirigiu a série de shows *O Fino da Música*, no Anhembi. Na década seguinte foi a vez do *Festival de Verão do Guarujá* e a produção da turnê de Milton Nascimento no Japão (1988). Nos anos 1990, dirigiu para o Sesc São Paulo o show *Lupicínio às Pampas*, em homenagem ao compositor gaúcho; o premiado *Raros e Inéditos*, com músicas dos anos 1920 e 1930; a série *Ouvindo Estrelas*, com depoimentos ao vivo e shows de vários artistas; e os dez espetáculos comemorativos dos 50 anos da entidade.



Com o pé no jazz, fez parte da equipe do *Festival de Jazz de São Paulo* (1978 e 1980), foi curador do *Free Jazz Festival* (1985) e do *Tim Festival* (2006 a 2009), e das edições do *BMW Jazz Festival* (2011, 2012, 2013 e 2014).

#### DE OLHO NO NOVO

Gravado em 2019, *Copacabana – Um Mergulho nos Amores Fracassados* (Selo Sesc) é uma saborosa trilha sonora para o livro *Copacabana* (leia boxe O lugar do samba-canção), lançado em 2017 por Zuza (Edições Sesc São Paulo, Editora 34).

O disco traz 14 gravações inéditas de memoráveis sambas-canção, sob a direção artística de Zuza. O intérprete Ayrton Montarroyos, que participou do projeto, lembra de “senti-lo como um garoto”, pelo frescor demonstrado por ele. “Era um garoto vislumbrando tudo o que poderia acontecer amanhã”, explica. De acordo com o cantor, os assuntos

sérios eram tratados de maneira leve, sem perder a qualidade e o rigor do trabalho. Conviver com Zuza Homem de Mello, seja lendo seus livros, assistindo a suas aulas, ouvindo a sua *playlist* no rádio, não abarcavam apenas o status profissional, mas ativavam a paixão. Uma afável conversa que abraçava a todos. “Estava sempre aberto para o novo, com os ouvidos atentos”, comenta o artista. Montarroyos, hoje com 25 anos, sempre foi ouvinte assíduo de Zuza. Ele diz: “Nunca enviei meu disco, não tinha seu endereço ou qualquer contato. E, mesmo assim, ele tinha ouvido o álbum de um garoto de 21 anos de idade, que tinha saído lá de Recife para gravar em São Paulo. Como ele podia ser tão atento a tudo? Como podia despender tamanha atenção com os iniciantes, apostando nos seus trabalhos? Acho que Tom Jobim revelou a resposta desse enigma quando disse: ‘o sujeito pra saber precisa amar’. Zuza amava, Zuza sabia.” ■

## O lugar do samba-canção

ESTÁ LOGO ALI, EM COPACABANA

A trajetória do samba-canção, de 1929 a 1958, é estampada nas páginas de *Copacabana* (Edições Sesc/Editora 34, 2017), de Zuza Homem de Mello. Imerso nas pesquisas desse tema por uma década, o autor faz uma análise de ponta a ponta do gênero musical, desde a origem, marcada pelo lançamento de *Linda Flor*, gravada por Aracy Cortes, até o florescimento da bossa nova.

A obra é permeada por estrelas como Ary Barroso, Cartola, Dorival Caymmi e Lupicínio Rodrigues. De acordo com o livro, o samba-canção foi o gênero de maior sucesso da nossa música, entre os anos de 1946 e 1958, guardando em sua musicalidade a leveza e o bom humor.

Para ler com os ouvidos, *Copacabana – Um Mergulho nos Amores Fracassados* (Selo Sesc, 2020) reserva a sinestesia perfeita entre tom e história, sob a batuta de Zuza e a participação dos intérpretes Luciana Alves, Zé Luiz Mazziotti, Anna Setton, Ayrton Montarroyos, Dóris Monteiro, Toninho Ferragutti e Edy Star. Entre as músicas, *Copacabana* (Braguinha e Alberto Ribeiro) e *Sábado em Copacabana* (Dorival Caymmi). “Amigo e parceiro do Sesc São Paulo, Zuza era uma verdadeira enciclopédia da música brasileira e esteve conosco em diversas ações. Nos deixa um generoso legado por sua paixão e devoção à música brasileira e internacional”, afirma Danilo Santos de Miranda, Diretor do Sesc São Paulo.



Divulgação

# Da cidade ao campo

AS DIVERSAS FUNÇÕES DESEMPENHADAS NO AMBIENTE DE TRABALHO AJUDAM A MOLDAR A IDENTIDADE DOS POVOS

O ciclo do trabalho e das tarefas domésticas pode funcionar como uma espécie de ampulheta para medir a passagem do tempo pelos povos. A natureza tem a função vital de equilibrar essas fases, caso dos pescadores, coordenados pelo ritmo das marés, e dos agricultores, guiados pelo amanhecer e anoitecer nos meses da colheita.

Sem poder escapar das peças pregadas pelo tempo, atrelamos o dia a dia do trabalho à construção da identidade, que reúne características das pessoas por meio das quais podemos diferenciá-las e identificá-las. Seja no campo, seja na cidade. Chico Homem de Melo, curador da exposição *Trabalhadores Ilustrados*, em cartaz no Sesc Santo Amaro, aponta características das atividades rurais e das desempenhadas na urbe: “Historicamente, tivemos o trabalho no campo relacionado a atividades mais braçais e, no caso das ocupações urbanas, uma mistura entre ocupações braçais e outras de viés mais intelectual”.

## ENTRE TELAS E MENTES

O século 21 reservou um salto ao ambiente digital, com redes de contatos profissionais mescladas a identidades que se desdobram na internet, refletindo a profusão dos meios digitais no trabalho. “Com isso, há uma ênfase crescente na proficiência na cultura digital”, acrescenta Homem de Melo. ■

## RETRATOS DO OFÍCIO

*Figura do trabalhador é revisitada em enlace de artes visuais e literatura*

A exposição *Trabalhadores Ilustrados* conta com 22 painéis temáticos que entrelaçam ofícios a obras literárias, oferecendo um panorama diversificado desse universo. Entre as funções retratadas congregam-se pescadores, trabalhadores rurais, escritores. Há também espaço reservado à contribuição dos afrodescendentes e das mulheres, a exemplo da ilustração de Carybé, *A Aeromoça* (1962), capa do livro *A Aeromoça e Outras Novelas Regionais* (Fundação Gonçalo Muniz, 1962), de Estácio de Lima. “Dentro desse universo, é inescapável a inclusão de trabalhadores afrodescendentes e de mulheres. No entanto, eles nem sempre estão bem representados na literatura e no jornalismo do século 20. A reunião das ilustrações que os retratam é fruto do esforço de pesquisa que deu origem à exposição”, explica o curador Chico Homem de Melo. Seguindo os protocolos sanitários obrigatórios, a exposição em cartaz no Sesc Santo Amaro tem visitação gratuita até 25/07/2021, mediante agendamento em: [sescsp.org.br/santoamaro](http://sescsp.org.br/santoamaro).



Capa da revista *O Cruzeiro*, (1930). Arte de Umberto Della Latta



# Cruzeiro

a Semanal Ilustrada

1\$







Ilustração de Santa Rosa para o livro *Cacau* (1934), de Jorge Amado

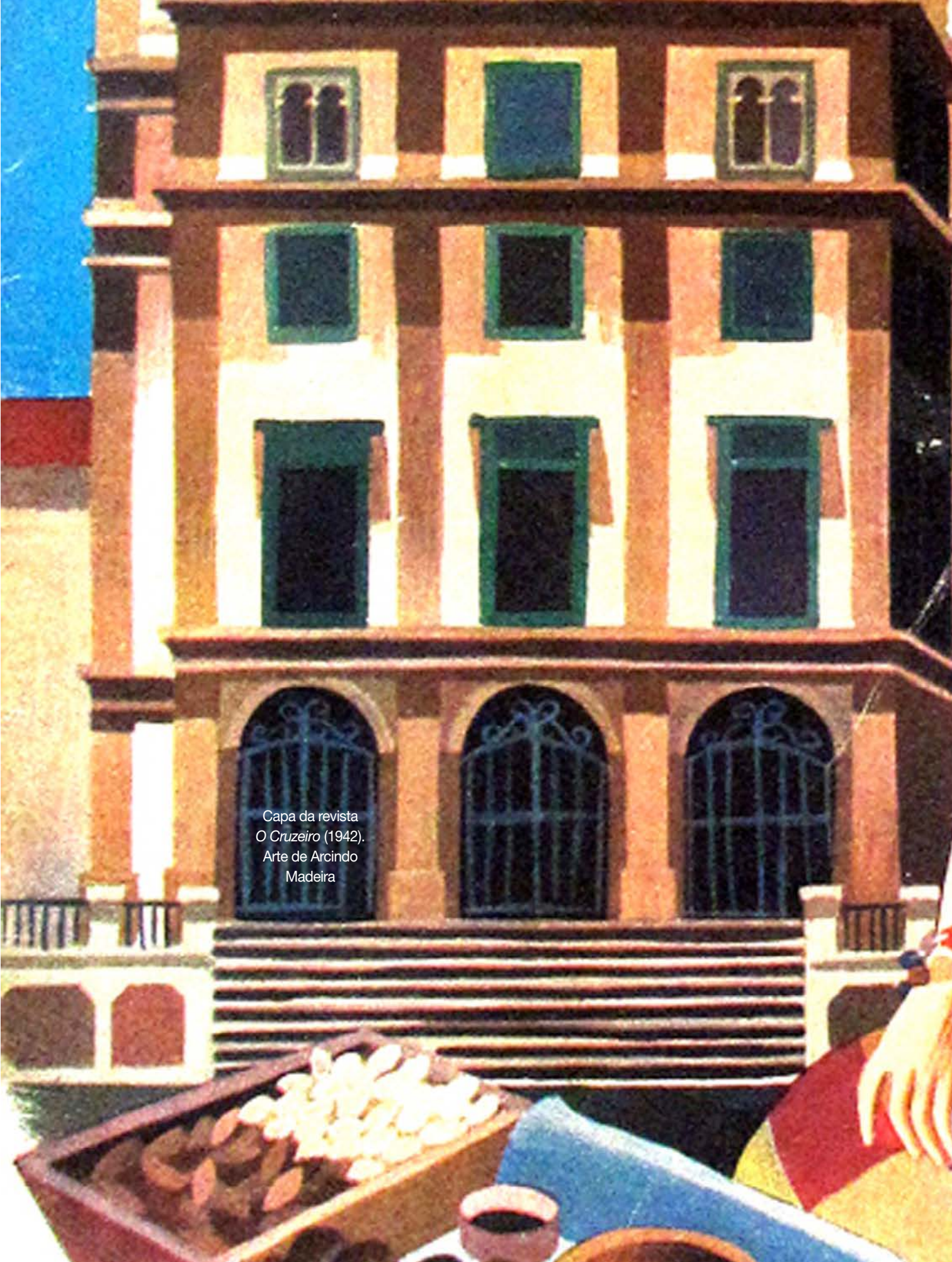
Detalhe da capa do livro *Sorumba* (1938), de Manuel Mendes. Ilustração de Belmonte











Capa da revista  
*O Cruzeiro* (1942),  
Arte de Arcindo  
Madeira







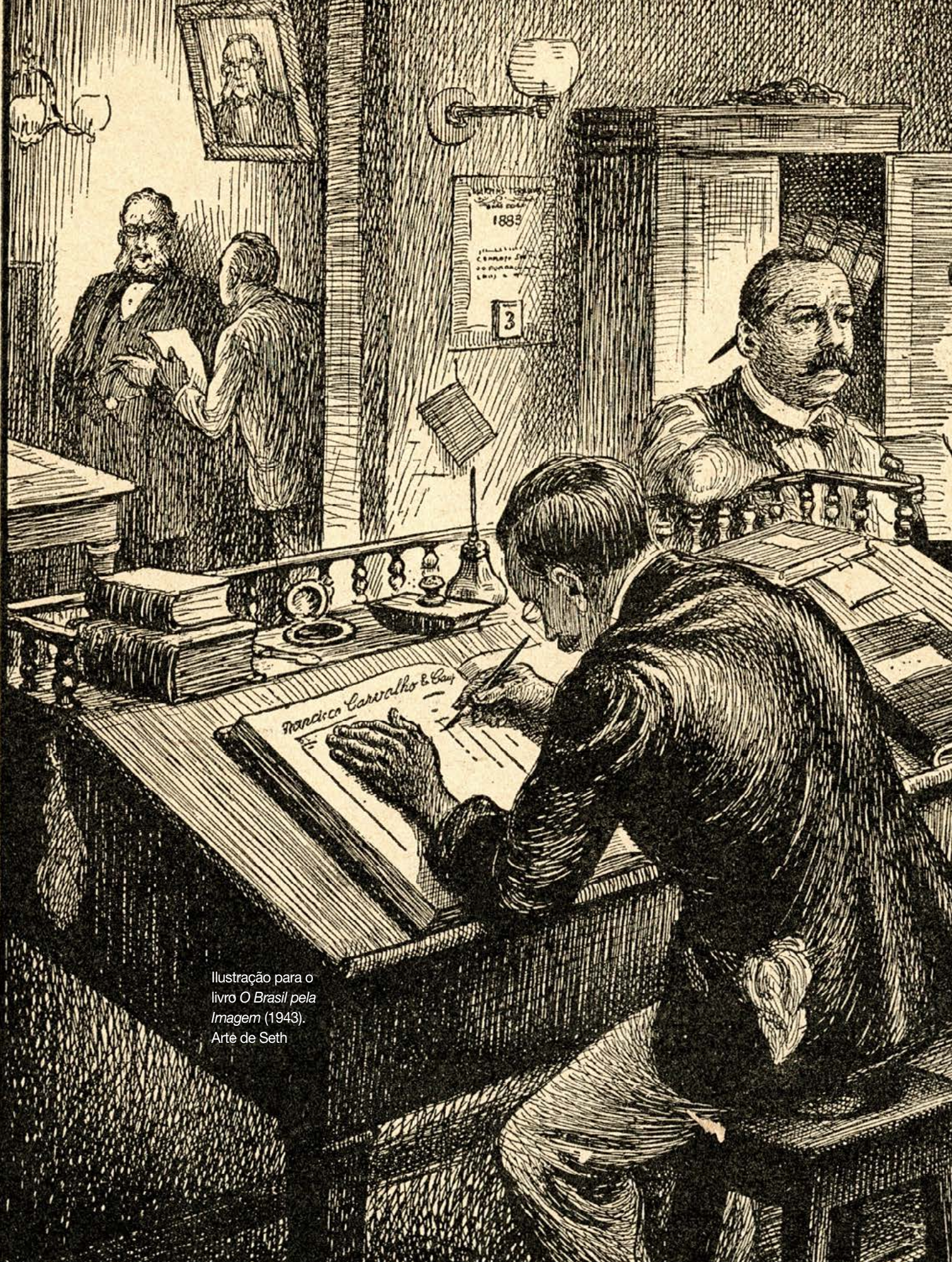


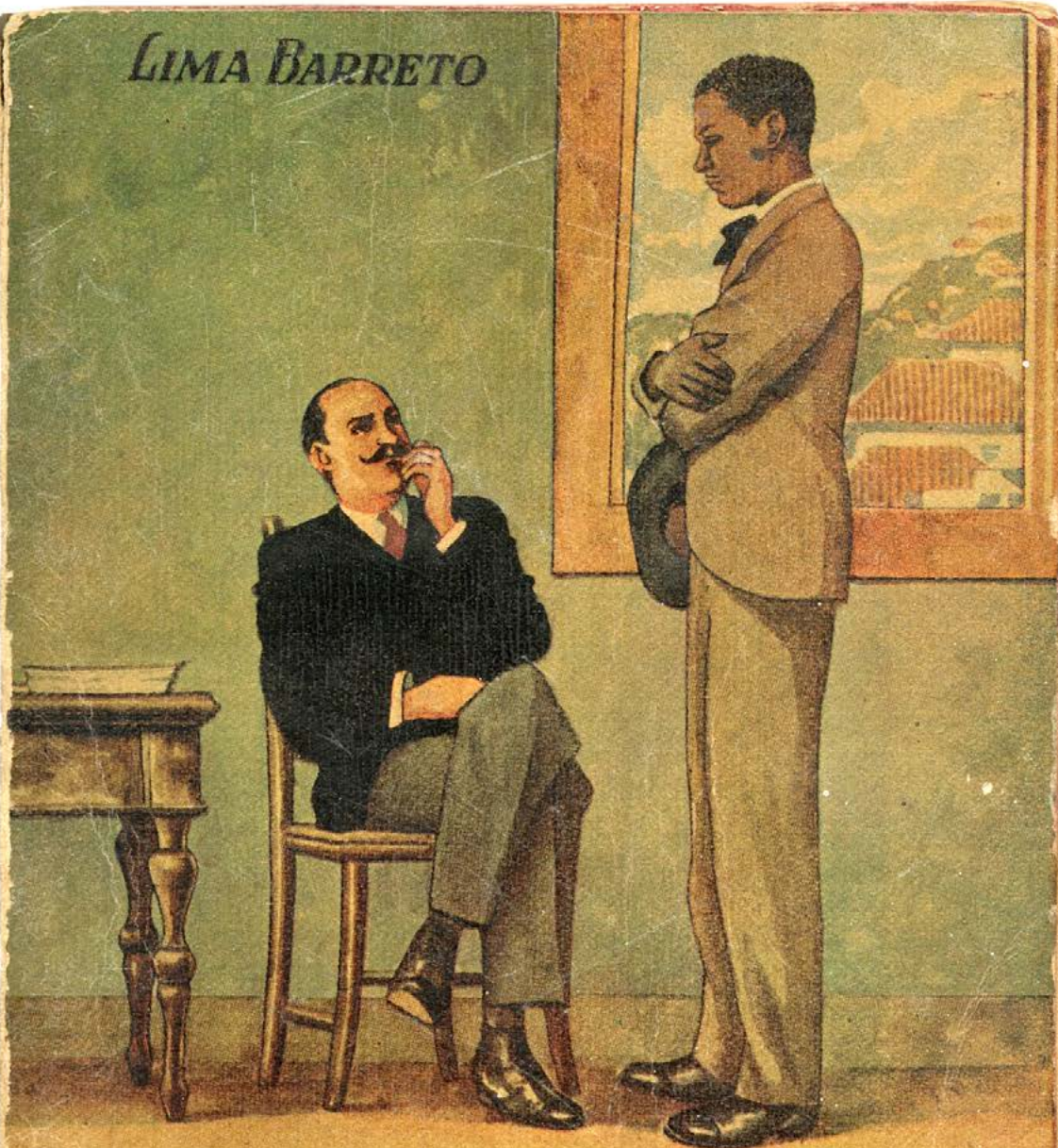
Ilustração para o  
livro *O Brasil pela  
Imagem* (1943).  
Arte de Seth







LIMA BARRETO



RECORDAÇÕES *do* ESCRIVÃO  
ISAÍAS CAMINHA



O LIVRO DE BOLSO

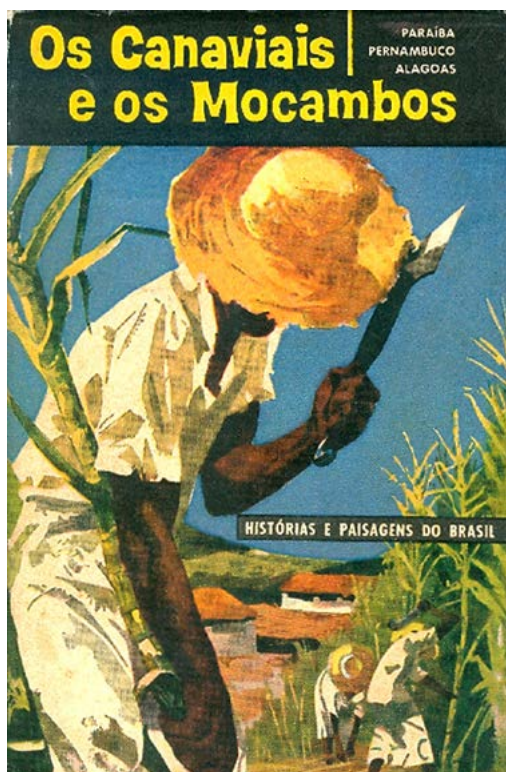
OBRA COMPLETA





Capa do livreto  
*Pesca do Xaréu* (1955).  
 Arte de Carybé

◀ Capa do livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1943), de Lima Barreto. Sem identificação de autoria



Capas dos livros  
*Os Canaviais e os Mocambos* (acima) e  
*O Planalto e os Cafezais*.  
 Os dois publicados  
 em 1959. Artes de  
 Guilherme Valpeteris

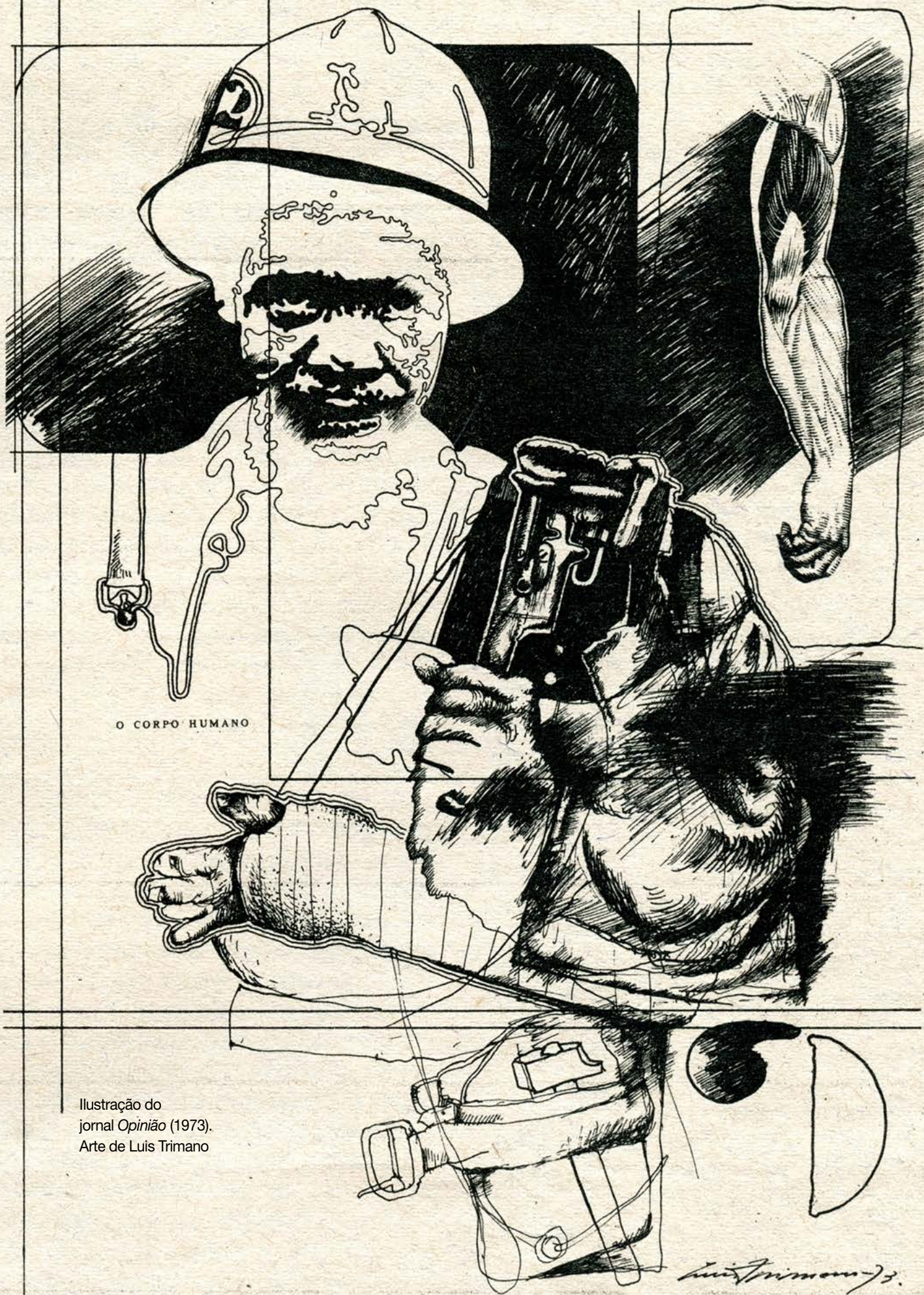






Capa do livro *A Aeromoça e Outras Novelas Regionais* (1962), de Estácio de Lima. Arte de Carybé





O CORPO HUMANO

Ilustração do  
jornal *Opinião* (1973).  
Arte de Luis Trímamo

*Luis Trímamo 73*





Detalhe da capa  
do jornal *Movimento* (1975).  
Arte de Jayme Leão







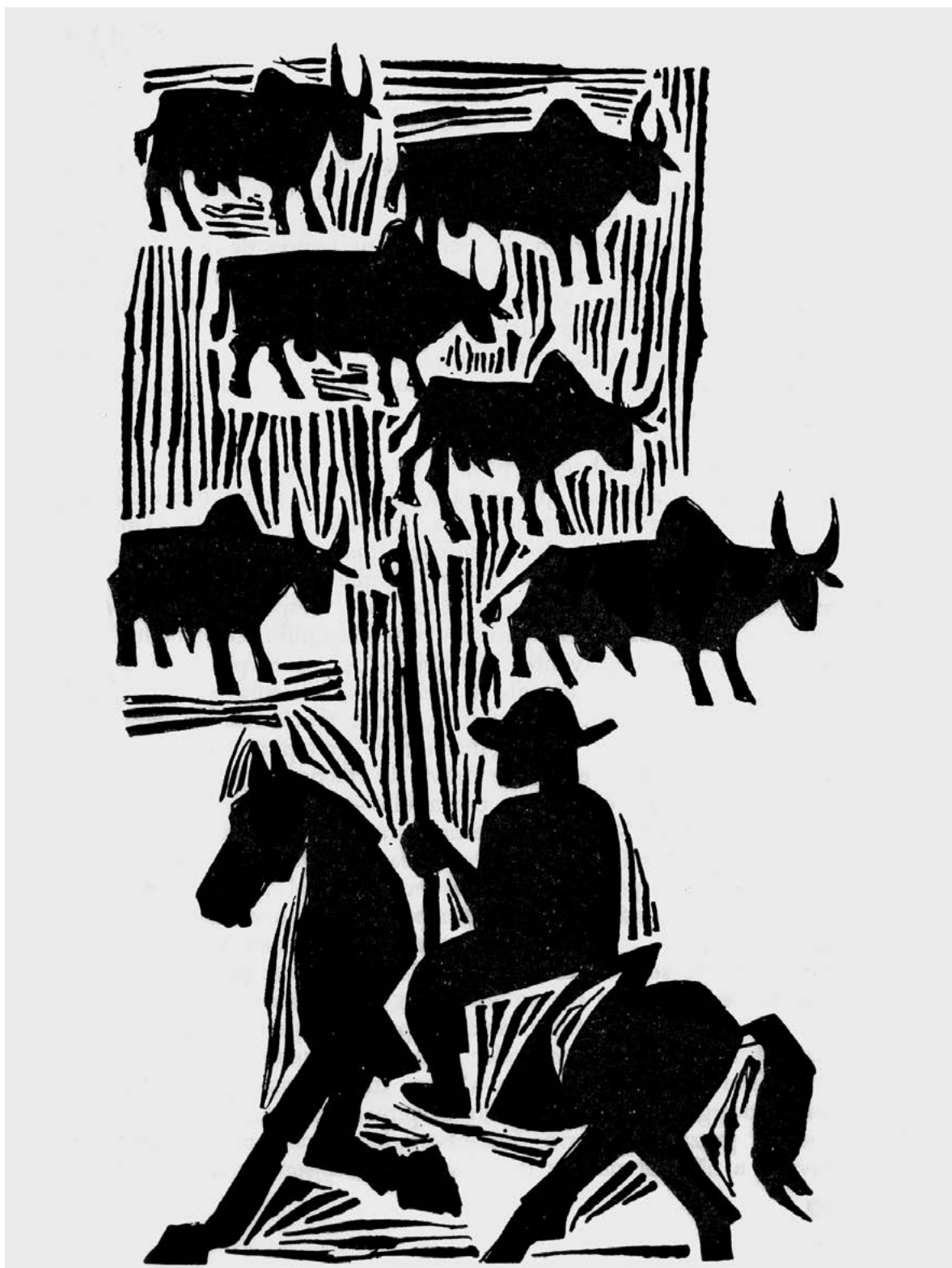


Ilustração do livro *Sagarana* (1977), de João Guimarães Rosa. Arte de Poty



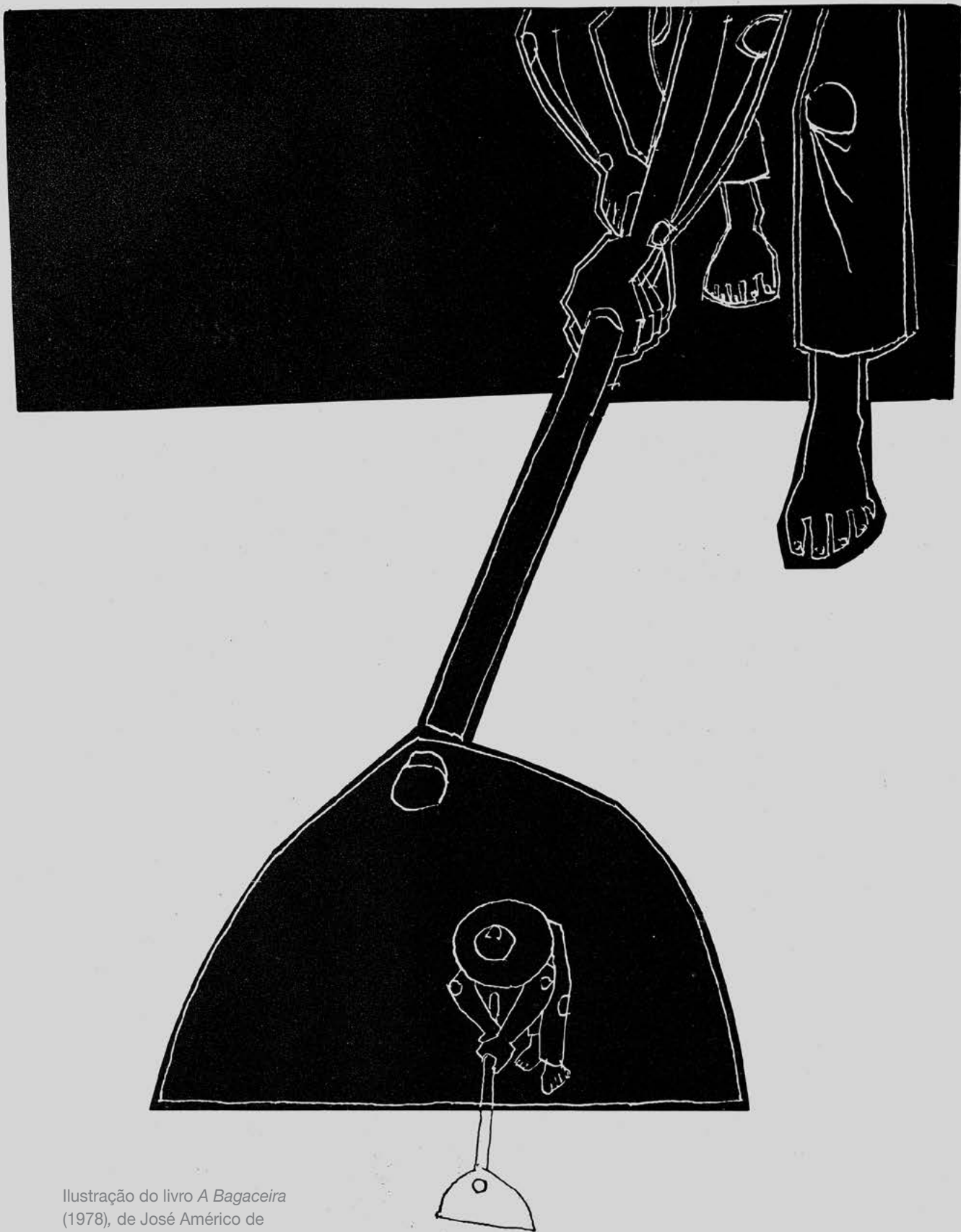


Ilustração do livro *A Bagaceira*  
(1978), de José Américo de  
Almeida. Arte de Poty



# Únicos e PLURAIS

INTERAÇÃO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO DERRUBA PRECONCEITOS E PROMOVE CONHECIMENTO

No mundo, 79,5 milhões de pessoas estão fora de seu país de origem devido a temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social, opinião política ou à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados, segundo dados da Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para os Refugiados (Acnur). No Brasil, esse total corresponde a 11.231 pessoas, segundo levantamento divulgado pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) em 2018, mas a quantidade de solicitações de refúgio no país ultrapassa 80 mil.

No atual contexto de pandemia, em São Paulo, terceiro estado brasileiro que mais recebe solicitações, essa parcela da população se encontra ainda mais vulnerável, principalmente as crianças. Por isso, iniciativas que promovam adaptação e socialização são essenciais a fim de derrubar preconceitos e fomentar oportunidades. “A Covid-19 levou a um aumento da xenofobia, do racismo, da estigmatização e da discriminação. Por conta disso, é importante destacar os benefícios e a determinação que as pessoas refugiadas trazem ao país de acolhida: tornam a economia mais dinâmica, dedicam-se com mais afinco ao trabalho, trazem conhecimento e *know how*, bem como interesse e plena determinação em contribuir com o país”, contextualiza Miguel Pachioni, assessor de Comunicação da Acnur.

Outro ponto levantado por Pachioni é o ganho no ambiente educacional. Nas escolas, questões como

idioma e costumes podem ser consideradas dentro e fora de sala de aula, e, com isso, aumentam as chances de interação, adaptação e perspectivas das crianças refugiadas e de suas famílias no novo país. “É preciso que a gente consiga entender, pela ótica de uma educação humanitarista e sensível, que essas pessoas vêm para agregar. De que a cultura e diferentes aprendizados vêm para somar e não subtrair numa sala de aula”, reforça. “E mesmo em um contexto de recreio, de lazer, que a gente consiga fortalecer a questão da sociabilidade entre as crianças, porque muito se ganha com as trocas na prática.”

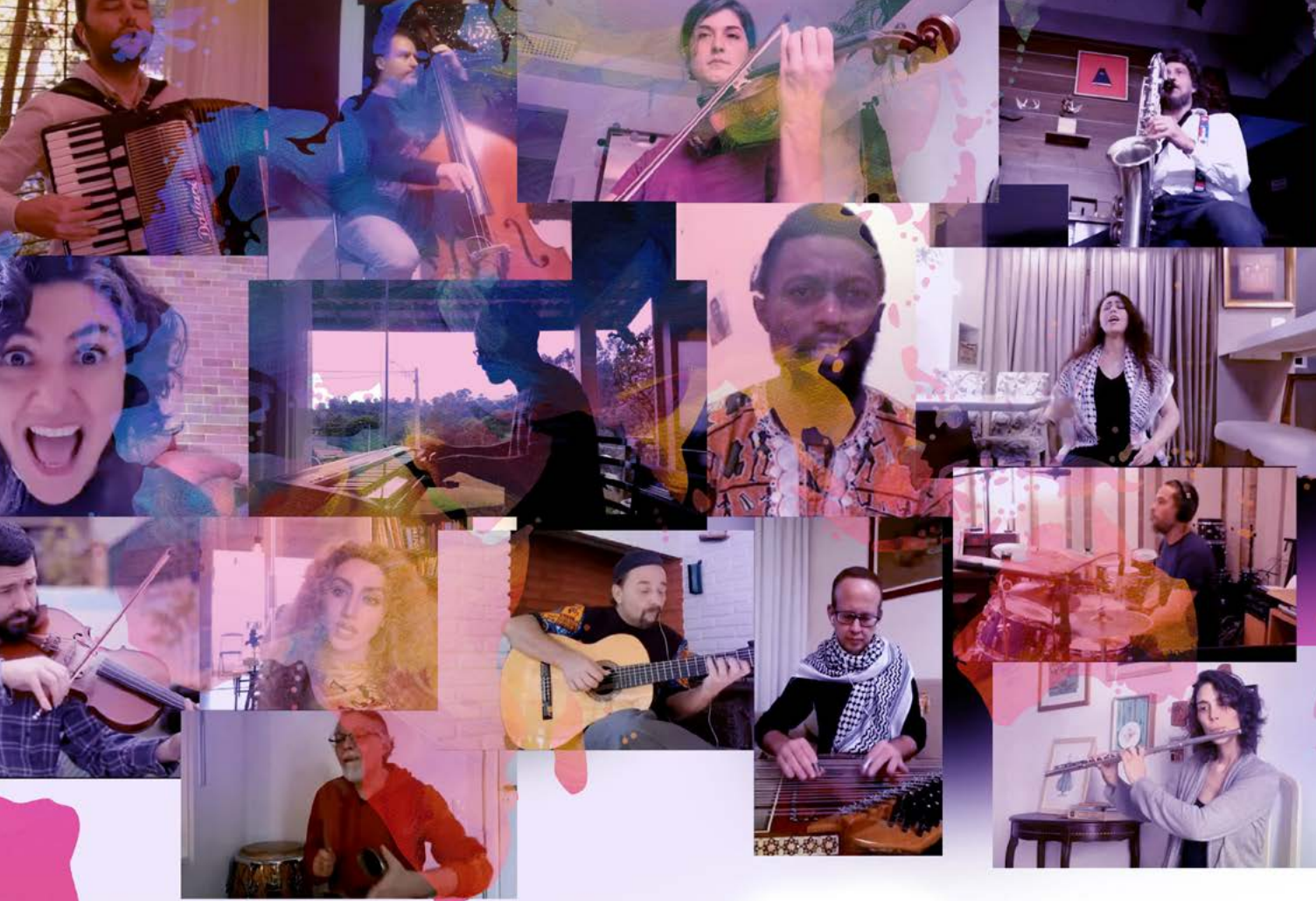
Tendo em vista todo esse potencial de interação, o projeto *Refúgios Humanos*, realizado pelo Sesc São Paulo desde 2016, com apoio e participação da Acnur, promove o protagonismo das pessoas em situação de refúgio na capital paulista. Nesse projeto, são elas que compartilham suas vivências na formação de professores da rede pública do ensino fundamental de diferentes regiões de São Paulo para acolhimento de alunas e alunos refugiados matriculados.

A ação, que tem a parceria da Secretaria Municipal de Educação, sensibiliza e informa tanto os educadores



Editoria de Arte / Imagens: Reprodução





A Orquestra Mundana Refugi, composta por músicos vindos da Síria, Palestina, Congo, Guiné, Irã, França, China, Tunísia, Turquia, Cuba e Brasil, idealizada pelo Sesc São Paulo e pelo maestro Carlinhos Antunes, se concretizou a partir de oficinas musicais para imigrantes refugiados no Sesc Consolação em 2017, e segue expressando a possibilidade real de harmonia entre as diferenças. O Selo Sesc produziu o álbum de estreia do grupo, que está disponível nas plataformas digitais

quanto outros profissionais da escola para que possam considerar na acolhida as perspectivas das crianças de outras nacionalidades.

#### LUGAR DE FALA

O professor congolês Patrick Kasonga, que mora no Brasil há 17 anos, viveu na capital paulista de 2003 a 2008, e em 2009 se mudou com a família para Juiz de Fora (MG), já participou do *Refúgios Humanos*, na formação de 250 professores das Diretorias Regionais de Educação

(DREs) São Mateus, São Miguel, Guaianazes e Itaquera. “Meu objetivo foi sensibilizar e mostrar que não somos números nem categoria, mas várias identidades. Alguém que tem um nome e que deve ser chamado pelo seu nome”, conta. “Insisti também que os professores precisam saber que são pessoas que carregam mágoas, que praticamente nascem de novo num outro país, onde aprendem uma outra língua e outro modo de se expressar.”

Kasonga lembra o momento em que seu filho, aluno na faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, tinha 5 anos. Naquela época, ao entrar na escola, o garoto logo assimilou o novo idioma. No entanto, os professores desconheciam sua cultura e faziam-lhe perguntas preconceituosas como: Você usava roupa no seu país? Você convivia com elefantes? “Uma vez fui convidado para um lugar e me pediram fotos. Levei algumas e me perguntaram por que eu não usava roupa africana. Como assim?”, recorda. “Ou seja, as pessoas precisam aprender como é o mundo e que ele está além do que se mostra na televisão. Fora da fantasia que se coloca.”

A vantagem de ouvir em primeira pessoa as vivências de alguém em situação de refúgio é, segundo observa Miguel Pachioni, da Acnur, “de extrema importância”.



Isso faz com que os professores da rede municipal possam atentar a essa perspectiva, porque as crianças refugiadas estão chegando às escolas. “Se no início havia esse entrave da documentação para esse acesso das crianças ao ensino, nesse segundo momento, quando elas já ingressaram nas escolas, precisamos de mecanismos de sociabilidade para que elas estejam efetivamente integradas e que todo aquele elemento histórico de xenofobia, estigmatização e discriminação não seja perpetuado”, complementa.

#### NA SALA DE AULA

Do ponto de vista dos professores que participam dessa formação, o projeto é uma ferramenta valiosa

para compreender e acolher um grande número de estudantes em situação de refúgio. A historiadora e pedagoga Ana Regina Barbosa Spinardi, assistente técnico de Educação I na Diretoria Regional de Educação (DRE) Itaquera, que atua

principalmente na Frente da Educação para relações Étnico-Raciais, já participou de duas edições do *Refúgios Humanos*. A primeira foi em 2019 e a segunda, neste ano, numa parceria entre DREs Itaquera, Guaianases, São Miguel, São Mateus, Ipiranga e Penha, teve um total de 300 professores cursistas. “Aprendi muito sobre o que é fugir de um território inóspito, deixar sua pátria mãe e chegar a um lugar como sujeito histórico, com outras barreiras. Então, primeiramente, devemos acolher a criança, a/o estudante, mostrar o ambiente da escola – a cozinha, a quadra de esporte, o pátio etc. – para depois dialogar sobre a barreira linguística. Entendo que não é só o desafio de aprender outro idioma, mas saber a história dessa criança, apresentar leituras a ela e deixar que ela me apresente novas leituras. Percebi que esse curso é obrigatório”, afirma.

Por isso, Spinardi observa e destaca o grande interesse e número de inscritos nessa formação. “Posso dizer sobre meu desejo: que esse curso proporcione outros diálogos, que se amplie e nos traga repertórios para termos grandes chances de aprender e de avançar desconstruindo diversos estereótipos dentro do ambiente escolar”, finaliza. ■

### Rede Municipal de Ensino

(São Paulo - 2020)

**7.325** ESTUDANTES IMIGRANTES

**98** NACIONALIDADES da África, Ásia, Europa, América, Oceania e Antártida

(Fonte: Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo)

## Lá e cá

### CURSOS E ATIVIDADES ABORDAM A QUESTÃO DO REFÚGIO

Tendo em vista um expressivo aumento de solicitações de refúgio no Brasil – o número cresceu 2.868% entre 2010 e 2015, de acordo com o relatório do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) –, o Sesc São Paulo diversifica a presença desse público e do tema do refúgio em atividades culturais e socioeducativas em toda a rede, reforçando a ideia de que os equipamentos do Sesc são espaços de convivência nos quais as pessoas em situação de refúgio são bem-vindas.

Há 25 anos, o Sesc oferece o Curso de Português para Refugiados em parceria com o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), a Acnur e a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo. Além das noções básicas, o curso aborda hábitos e costumes da cultura brasileira para pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio, e é oferecido, gratuitamente, ao longo do ano, em oito unidades: Vila Mariana, Consolação, Carmo, Bom Retiro, Pompeia, 24 de Maio, Osasco e Campinas. Somente nos últimos dois anos, já foram atendidas mais de 18 mil pessoas.

Além desse curso, desde 2016, o projeto *Refúgios Humanos*, em parceria com o Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação (SME), tira a pessoa em situação de refúgio da cadeira do aluno para o lugar de professor. São eles que ministram a formação de docentes das Diretorias Regionais de Educação (DREs), compartilhando experiências e perspectivas.

“Tendo a diversidade cultural como um valor, o Sesc São Paulo desenvolve atividades que promovem e reconhecem identidades culturais de diferentes origens. Trata-se de considerar a migração como um direito e, a partir desse entendimento, saber que a descoberta de um novo lugar, um outro idioma e de outras relações pode ser parte da história de qualquer pessoa. A ideia que permeia essas programações é ser um convite constante para superar preconceitos e ampliar perspectivas de viver”, explica Ioná Damiana de Souza, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc.

Conheça outras ações no site *Culturas em Trânsito – Refúgio e Migração* no portal do Sesc São Paulo:



## PRIMEIRA PESSOA

Realizada durante a pandemia, a série de vídeos *Histórias de Refúgio* traz o relato de pessoas em situação de refúgio e imigrantes residentes no Brasil contando suas histórias de vida e as situações que os obrigaram a deixar o país de origem. São depoimentos sobre abandono, família, cultura e outros elementos que hoje residem em memórias afetivas. Assista:

[www.sescsp.org.br/online/artigo/14466\\_HISTORIAS+DE+REFUGIO](http://www.sescsp.org.br/online/artigo/14466_HISTORIAS+DE+REFUGIO)



onde eu pedi uma vaga de refugiado e acabei sendo aprovado

“SINTO SAUDADES DA MINHA FAMÍLIA E DO CHEIRO DA MINHA CIDADE”

**SAMEH BRGLAH**, refugiado da Síria – *Histórias de Refúgio*



O meu tecido, que eu faço o meu turbante; nunca falta na minha vida.

“HOJE EU TENHO UM QUINTAL ONDE AS CRIANÇAS PODEM BRINCAR”

**SYLVIE MUTIENE**, refugiada da República Democrática do Congo – *Histórias de Refúgio*

## SESC IDEIAS

*A Questão do Refúgio no Contexto da Pandemia* foi tema do Sesc Ideias, com a participação de Carlos Daniel Escalona Barroso, jornalista pela Universidade Bicentenária de Aragua (UBA), de Caracas (Venezuela), que vive em situação de refúgio no Brasil; de Camila Sombra, associada de Soluções Duradouras do Escritório da Acnur em São Paulo e doutora em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo (USP); e Victor Del Vecchio, advogado e mestrando pela USP, que atuou como consultor jurídico da ONU Migração (OIM). No debate, questões centrais que dizem respeito aos refugiados no contexto da Covid-19 no Brasil, desafios e projeções. Assista no [canal do YouTube do Sesc São Paulo](#).





EM PAUTA

# Saberes na ALDEIA e na ESCOLA



Uma vivência escolar específica, intercultural, diferenciada e bilíngue é direito dos povos indígenas, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos estados e municípios a execução para a garantia deste direito. Na sala de aula, a criança, o adolescente e o jovem indígena devem ter seus costumes e saberes respeitados. Um espaço onde poderão aprender sobre uma cultura tão distinta, a fim de desenvolverem ferramentas de interação e, principalmente, de negociação para preservação dos direitos de suas comunidades. No entanto, ainda são inúmeros os desafios enfrentados neste âmbito. Em relação ao povo Guarani, a escola tem respeitado saberes ancestrais?

“Ouço muitos dizerem que a escola serve para nos tornar alguém na vida, muito pelo contrário, já somos alguém na vida, temos que usar as ferramentas escolares para nos tornarmos guerreiros”, enfatiza a filósofa e professora Cristine Takuá, que ministra aulas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia na Escola Estadual Indígena Xeru Baê Kua-I, na divisa entre os municípios de Bertiooga e São Sebastião, no estado de São Paulo. Será que a Educação Escolar Indígena dialoga, de fato, com a cultura de diferentes comunidades? “A educação diferenciada garante ao povo indígena a aprendizagem de sua cultura, importante para a preservação, e também a aprendizagem dos saberes do Juruá (palavra que significa não indígena em Guarani), para sua própria defesa e sobrevivência, pois no mundo atual, infelizmente, o indígena não consegue mais ser totalmente tradicional por causa da imposição e do impacto da cidade e da tecnologia dentro das aldeias”, observa Antony Guarani, professor da Língua Guarani na Escola de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e guardião da Floresta da Terra Indígena do Jaraguá (SP). Neste *Em Pauta*, os professores Antony Guarani e Cristine Takuá tecem suas reflexões sobre o tema.





# Educação escolar indígena Guarani Mbya

ANTONY GUARANI

A educação escolar indígena tem sido discutida há muito tempo no estado de São Paulo e em outros estados também por se tratar de um povo diferente e com métodos de aprendizagem diferentes, dentre eles os costumes, as crenças e o modo de viver. Neste contexto, se discute a educação diferenciada nas escolas estaduais indígenas.

A educação diferenciada garante ao povo indígena a aprendizagem de sua cultura, importante para a preservação, e também a aprendizagem dos saberes do Juruá (palavra que significa não indígena em Guarani), para sua própria defesa e sobrevivência, pois no mundo atual, infelizmente, o indígena não consegue mais ser totalmente tradicional por causa da imposição e do impacto da cidade e da tecnologia dentro das aldeias.

Atualmente o modelo de educação escolar indígena tem outras duas matérias dentro da metodologia escolar, pois além de ter as matérias seguindo o currículo escolar comum, como Matemática, Ciências, Geografia etc., também há a matéria do ensino da língua materna e da cultura étnica em algumas escolas estaduais indígenas. Só que essas matérias necessitavam de professores indígenas. Com isso, desde 2005, o MEC, junto à Funai (Fundação Nacional do Índio), tem um programa nacional de magistério indígena que visa formar professores indígenas para atuarem em suas aldeias e também ajudar na produção de material pedagógico em línguas maternas de cada povo.

## PLURALIDADE

É importante lembrar que cada povo indígena é diferente do outro em costumes, crenças e modos de vida. Por isso a importância de ter dentro das escolas indígenas a matéria da língua materna e da cultura étnica.

Na matéria “língua materna” é ensinada a língua e a escrita de cada povo. No caso do Guarani Mbya, nas escolas estaduais indígenas de São Paulo. É importante essas matérias estarem presentes nas salas de aula, pois isso ajuda na preservação da língua e de sua cultura, ajudando assim na própria identidade indígena.

Na matéria “cultura étnica” fala-se de vários outros povos, culturas, crenças e modos de vida para crianças e adolescentes nas escolas indígenas, ajudando na conscientização de crianças e jovens de que existem povos e etnias diferentes no território nacional brasileiro, evitando assim o preconceito entre povos indígenas. São essas duas matérias que ajudam na luta e na preservação de uma cultura, de saberes ancestrais, da língua e principalmente de sua identidade cultural e indígena.

## DOIS MUNDOS

Os jovens indígenas atualmente vivem esses dois mundos. O mundo do Juruá e o seu mundo de nascença e crescimento, que é a sua cultura e sua etnia indígena. Por isso a escola deve estar preparada para receber e ajudar no equilíbrio entre a sabedoria indígena e a sabedoria não indígena, para não se perder uma cultura e ao mesmo tempo haver uma imersão cuidadosa do jovem indígena na sabedoria tecnológica do não indígena.

Ainda existem muitos desafios para a educação escolar indígena, porém a luta é grande para conseguir uma estrutura de ensino próprio que respeite os modos de aprendizagem e cultura de cada povo. É muito importante o aprendizado, primeiramente, de sua cultura, costumes e crenças para as crianças e adolescentes indígenas em um contexto atual de impacto sociocultural e econômico imposto dentro das aldeias, principalmente as aldeias indígenas da capital paulista, como a Terra Indígena Jaraguá, na Zona Oeste, e a Terra Indígena Tenondê Porã, no extremo da Zona Sul da capital.



Nessas aldeias são ensinados valores culturais, incluindo mitologias e cosmologia Guarani Mbya, e também o plantio tradicional e comidas tradicionais, desenvolvendo atividades e jogos culturais, fortalecendo assim a cultura e os costumes dentro das escolas.

### DESAFIOS

Existem muitos desafios para o ensino escolar indígena, dentre eles a questão da alimentação escolar, que não é adaptada ao cardápio e dieta que os Guaranis seguem dependendo da idade e da fase da vida, o que deveria ser levado em consideração. Ainda podemos observar que a escola também é utilizada como uma forma de política integracionista dentro das aldeias indígenas. Ainda é preciso debater essa questão na educação escolar indígena, de como pode ser o ensino ideal, que faça com que a criança indígena possa ir para a escola e não aprender somente o que o estado impõe.

Infelizmente o nível de analfabetismo nas aldeias é muito grande, devido ao fato de as escolas não terem capacidade para receber os alunos do 1º ao 5º ano com professores não indígenas e, logicamente, as crianças não entenderem a lição e a língua portuguesa falada pelos professores não indígenas dentro das salas de aula. Só em algumas aldeias há professores indígenas ministrando aulas para crianças deste período de ensino.

Por outro lado, existem avanços no ensino escolar indígena, mas ainda longe do ideal para atender às necessidades dentro das aldeias, já que, dependendo da fase da vida, o Guarani Mbya segue determinadas obrigações familiares ou em comunidade. Ainda por cima, a criança Guarani Mbya, quando vai para a escola nos primeiros anos letivos, tem uma dificuldade muito grande para compreender e se acostumar com o ambiente escolar, já que as crianças vivem livres na aldeia, brincam no rio e na mata. Por isso, quando as

crianças vão para escola, elas não conseguem ficar cinco horas fechadas dentro da sala de aula.

Outra demanda que também existe nas escolas é quando a jovem Guarani mulher entra na fase da adolescência e, com isso, na menarca. Nessa fase da vida da menina Guarani, ela passa por um rito de passagem na qual antigamente ficava

cerca de 3 meses a 5 meses em resguardo, mas, hoje em dia, com a preocupação dos pais com as faltas que a menina pode levar na escola, só é feito o resguardo de 15 a 20 dias. Vale ressaltar que nesta fase a menina também não deve consumir nenhum tipo de carne ou laticínios.

Somente os meninos conseguem se salvar, pois os meninos

### EXISTEM AVANÇOS NO ENSINO ESCOLAR INDÍGENA, MAS AINDA LONGE DO IDEAL PARA ATENDER ÀS NECESSIDADES DENTRO DAS ALDEIAS

Guarani não têm esse período de resguardo, mas seguem a mesma dieta como as meninas, pondo assim um desafio de entendimento para os órgãos de educação e ensino. Não deveria ser um desafio, já que a própria Constituição Federal, nos artigos 231 e 232, diz para respeitar os modos de vida dos povos originários e reconhecer também a autonomia de cada povo para com decisões que abrangem saúde, educação e organização interna nas comunidades indígenas. ■

**ANTONY GUARANI** é professor da Língua Guarani na Escola de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Direito, é escritor e guardião da Floresta da Terra Indígena do Jaraguá (SP).



# Teko Porã, o sistema milenar educativo de equilíbrio

CRISTINE TAKUÁ

O atual modelo de sociedade em que estamos inseridos nos faz esquecer de quem realmente somos, não deixando olhar para o fundo de nossa essência, para conseguir atravessar as barreiras do desconhecido. Junto a isso, a imensa fonte de informações na qual estamos mergulhados, os maus hábitos alimentares, o egoísmo, o desamor e a falta de bom senso estão nos conduzindo para uma vida insana.

Sabemos que atualmente vivemos uma emergente e complexa crise social, política e ambiental, a qual nos leva a questionar e a repensar o ser e o saber, resultando numa conscientização de que temos que reaprender a pensar e agir no mundo. No entanto, o ser humano, numa incessante busca de compreensão, dominação, ordenação e controle sobre o meio e sobre si mesmo, acabou por desestruturar a natureza e acelerar o seu desequilíbrio.

## LIÇÕES DA NATUREZA

De modo geral, a civilização ocidental está percebendo que uma quantidade de pressupostos que a sustentaram por muito tempo está levando a uma situação totalmente insustentável do ponto de vista da sobrevivência da espécie, notadamente no que diz respeito às condições ambientais. Uma das principais coisas que as sociedades indígenas têm e que torna seu pensamento valioso é justamente uma outra maneira de conceber a relação entre a sociedade e a natureza, entre os humanos e os não humanos, uma outra forma de conceber a relação entre a humanidade e o restante do cosmos. A existência de um equilíbrio, no qual todos os seres interagem e se respeitam, não só os mais velhos, os anciãos e pajés, mas todos – até os jovens e crianças.



Para os povos indígenas, a natureza é quem dá sentido à vida. Tudo em seu equilíbrio. Como uma imensa teia, na qual tudo está interligado, um organismo vivo. O seu poder está em nos direcionar, nos mostrar o caminho de luz a trilhar em busca de sabedoria. Cada sinal que recebemos tem um significado para nossa vida.

O canto de um pássaro pode indicar algo, os trovões que passam são sinal de que algo está pra acontecer, as formigas no meio do caminho, as formas das nuvens, a direção do vento, enfim, muitos presságios nos são transmitidos pelos sinais da natureza, que com sua delicadeza e sabedoria vão nos guiando e nos ensinando como bem viver – que em guarani se fala: Teko Porã, um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa exatamente essa grande teia, onde vivemos em equilíbrio, respeito e harmonia. É a representação da boa maneira de ser e de viver.

Porém, toda essa complexa crise de relações que os humanos hoje estão vivendo nada mais é do que reflexos de séculos de uma caminhada malfeita, pois antes quase todos viviam na natureza, com a natureza e da natureza. E, hoje, as pessoas se desinseriram do meio, usam e abusam da natureza para sobreviver. Sem pensar que fazemos parte dessa imensa teia, que não deve e não pode ser separada.

## DAS ALDEIAS PARA AS CIDADES

Para o povo guarani, não há tekó se não tiver tekoá; ou seja, não tem modo de ser sem o lugar do ser. Sendo assim, é preciso ter terra, com floresta, com água e com toda a sua vida incluída para poder viver sua cultura e para ser guarani.

Vivenciar o sentido pleno do bem viver nos dias de hoje pode, muitas vezes, parecer algo contraditório, devido a diversas situações que nos afastam dele



e nos levam para o Tekó Vai, o mal viver, que está presente no consumo desenfreado e na esquisita mania de servidão voluntária em que muitos vivem escravos de seus quereres, está presente nas guerras, no individualismo, na poluição dos rios, no empobrecimento, na depressão, enfim em diversas situações que colocam o ser humano numa incessante busca de viver melhor, na ilusão de que os bens materiais, o conforto, o luxo irá lhe trazer a delicada e profunda satisfação da experiência que penetra no próprio ser e no estar quando se alcança o bem viver nas ações diárias da vida.

Mas é possível aplicar esse sistema, esse hábito indígena do bem viver nas cidades, justamente como pressuposto para revolucionar, metamorfosear as relações, a própria democracia, que está despedaçada em meio a tantos abusos e egocentrismos. Por meio desse amplo conceito, uma vez praticado, podemos equilibrar todo o caótico cenário de violências, poluição, intolerância religiosa que pairam sobre as cidades.

Os povos indígenas, de um modo geral, resistem há séculos contra os mais diversos abusos e agressões cometidos contra eles, contra suas culturas, mas, mesmo assim, ainda hoje praticam o respeito, a tolerância, a igualdade, a participação política, a paciência com os mais velhos e com as crianças, enfim, praticam o bem viver em suas múltiplas faces.

### PRÁTICAS EDUCATIVAS

Penso que ainda há tempo de reconstruirmos e de nos harmonizarmos. Há alguns caminhos, como as práticas educativas do Tekó Porã. Mas as sociedades urbanas devem repensar as formas de educar suas crianças. Valorizando o potencial que jaz dentro de cada uma, e principalmente fazendo uma escola que seja útil para a vida das pessoas.

Ouço muitos dizerem que a escola serve para nos tornar alguém na vida, muito pelo contrário, já somos alguém na vida; temos que usar das ferramentas escolares para nos tornarmos guerreiros. Guerreiros esses que possam compreender o complexo sentido do bem viver e transformar o mundo à sua volta.

Penso que, assim como os grãos, as pessoas precisam conhecer sua origem, a fala que habita em cada semente. Todo ser que consegue escutar a voz do silêncio, ouve as suas verdades. Há uma ponte existente entre o conhecimento visível, letrado, e o saber que habita nas profundidades dos cantos, danças, trançados e em toda a complexidade da arte e espiritualidade dos povos nativos. No entanto, é necessário romper as barreiras da aparência, sempre penso nisso. Porque, enquanto alguns ficarem se baseando e presos no “não ser” das coisas (aparência), jamais chegarão à dimensão maior do verdadeiro conhecimento, da sabedoria dos que sabem e conseguem sentir sua própria sombra! ■

HÁ UMA PONTE  
EXISTENTE ENTRE  
O CONHECIMENTO  
VISÍVEL, LETRADO, E  
O SABER QUE HABITA  
NAS PROFUNDIDADES  
DOS CANTOS,  
DANÇAS, TRANÇADOS  
E EM TODA A  
COMPLEXIDADE  
DA ARTE E  
ESPIRITUALIDADE DOS  
POVOS NATIVOS

**CRISTINE TAKUÁ** é professora indígena, formada em Filosofia na Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) em Marília. Ministra aulas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia na Escola Estadual Indígena Xeru Ba'e Kua-I, pertencente à Terra Indígena Ribeirão Silveira, na divisa entre os municípios de Bertioga e São Sebastião, no estado de São Paulo.



# Novos rumos da UNIVERSIDADE

REITOR DA USP APONTA NECESSIDADE DE MUDANÇAS  
CURRICULARES, INVESTIMENTO EM TECNOLOGIA E COOPERAÇÃO

Neste ano, a educação superior no Brasil enfrentou inúmeros desafios devido à necessidade de interrupção das aulas presenciais e de adaptação ao ensino remoto. Foi necessário desenvolver e aplicar rapidamente ferramentas de ensino a distância para professores e alunos. Além disso, grupos de pesquisa focaram todos os esforços em estudos sobre a Covid-19. Esse foi o caso da Universidade de São Paulo. “Pode-se dizer que, na USP, mais de 250 grupos de pesquisa adaptaram seus estudos ou começaram novos estudos em temas correlatos, temas que abrangiam a Covid-19. Não apenas na área da saúde, mas em todas as áreas de conhecimento”, diz o engenheiro civil Vahan Agopyan, reitor da instituição. Para Vahan, 2020 não deve ser reconhecido como um ano “perdido”, pelo contrário: “Este é um ano em que aprendemos muito como sociedade e como universidade. Então, o que a pró-reitoria de graduação da USP está fazendo é um esforço grande de propor revisões, inclusive dos currículos, e transformar as aulas presenciais, que são imprescindíveis numa universidade de pesquisa, em aulas mais produtivas, utilizando as ferramentas que agora nós já sabemos usar de uma maneira melhor”.


## ADEQUAÇÃO IMPRESCINDÍVEL

Quando a pandemia foi de fato reconhecida como tal, as universidades de pesquisa tinham um desafio grande pela frente. Primeiro, não podíamos frustrar os alunos, porque esses jovens estão se preparando para abraçar uma profissão, uma decisão de vida. Segundo, não podíamos frustrar a sociedade, que, depois de uma pandemia, necessita de profissionais competentes que universidades de pesquisa como a USP preparam. Por isso, eu diria que a maioria esmagadora das universidades de pesquisa no mundo tomaram uma decisão muito difícil: se adequar ao ensino a distância e fazer o possível. Terceiro, não somente manter como também acelerar as pesquisas para o combate à Covid-19. No caso da USP, quando decidimos, em meados de março, parar as aulas presenciais, em duas semanas 92% das disciplinas estavam sendo oferecidas de uma maneira remota. O que chama a atenção, porque nós somos quase seis mil docentes e uma parte já utilizava algumas ferramentas, por exemplo, a minha disciplina já utilizava há 20 anos ferramentas para termos um contato contínuo com os alunos, mas outras não. E, de uma maneira rápida, os docentes assumiram esse compromisso de garantir aos nossos estudantes uma formação da melhor maneira possível, não a ideal, porque queremos que nosso ensino seja oferecido num ambiente de pesquisa.

## PESQUISAS E MAIS PESQUISAS

Pode-se dizer que, na USP, mais de 250 grupos de pesquisa adaptaram seus estudos ou começaram novos estudos em temas correlatos, temas que abrangiam a Covid-19. Não apenas na área da saúde, mas em todas as áreas de conhecimento. Porque só se consegue enfrentar essa pandemia com grupos multidisciplinares. Na área da saúde, temos grupos trabalhando com vacinas internacionais e com algumas vacinas nacionais, outros estudando medicamentos e tratamentos. Além de grupos na área da tecnologia que estão desenvolvendo equipamentos, como respiradores e ventiladores que já estão em uso em vários hospitais do Brasil. Há também grupos preocupados com a parte social e psicológica da população, um aspecto muito sério. Então, todas as áreas de conhecimento estão trabalhando juntas para combater essa pandemia. Temos um caleidoscópio de profissões trabalhando em conjunto para encontrar uma solução. Mais do que nunca se mostrou a importância das pesquisas multidisciplinares e a importância de conseguir





**VAHAN  
AGOPYAN** esteve  
presente na reunião  
virtual do Conselho  
Editorial da *Revista E*  
no dia 22 de outubro  
de 2020



resultados rapidamente. Mais do que nunca, vimos que a pesquisa tem a necessidade de atender às demandas da sociedade. Ficou muito claro para nossos pesquisadores e orientadores.

#### PELA FRENTE

O ano de 2020 está sendo difícil, mas não é um ano perdido. Este é um ano em que aprendemos muito como sociedade e como universidade. E o que nós esperamos para o futuro? Eu digo que em 2021 não podemos retornar às atividades como se fosse 2019. O próximo ano tem que ser obrigatoriamente melhor que 2019. Esse é nosso compromisso e nossa obrigação, como gestores, de conseguir oferecer, no ano que vem, uma universidade melhor do que nós tínhamos em 2019. Na área de ensino, os nossos alunos e os nossos professores se prepararam para usar essas ferramentas novas. E nossos alunos se beneficiaram dessas ferramentas. Esse é um ponto importante. Então, o que a pró-reitoria de graduação está fazendo é um esforço grande de propor revisões, inclusive dos currículos, e transformar as aulas presenciais, que são imprescindíveis numa universidade de pesquisa, em aulas mais produtivas, utilizando as ferramentas que agora nós já sabemos usar de uma maneira melhor.

#### COOPERAÇÃO EXPANDIDA

Apesar dessa restrição de mobilidade, a interação aumentou muito. O que era concorrência se tornou uma cooperação. Isso foi muito importante. Em outubro, criamos o Centro de Inteligência Artificial, que tem o patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e da IBM. Dezenas de grupos de pesquisa reúnem-se nesse centro para trabalhar conjuntamente. O pró-reitor de pesquisa está trabalhando no sentido de conseguir montar, ao juntar outros grupos de pesquisa, mais centros até o começo de 2021. E, na área de pós-graduação, nós tivemos uma revolução: as defesas de tese começaram a ser feitas virtualmente. Isso permitiu que conseguíssemos ter membros das bancas julgadoras do exterior. Temos defesas sendo feitas em inglês, porque temos colegas nossos da Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos e Japão participando. Essa riqueza que há na troca

MAIS DO QUE NUNCA  
SE MOSTROU  
A IMPORTÂNCIA  
DAS PESQUISAS  
MULTIDISCIPLINARES  
E A IMPORTÂNCIA  
DE CONSEGUIR  
RESULTADOS  
RAPIDAMENTE

de experiência não podemos perder. Dessa forma, o que era uma exceção por causa da pandemia, o pró-reitor de pós-graduação está trabalhando para conseguir tornar um hábito. Assim, nossos estudos de pós-graduação terão cada vez mais interação no ambiente acadêmico internacional.

#### INCLUSÃO PARA DESENVOLVIMENTO

Outra questão é a desigualdade social e como a universidade se comporta diante desse fato. Ao longo do tempo, a universidade tentou se inserir mais na sociedade, buscando a inclusão social também na própria universidade. Esse relacionamento cresceu de maneira vertiginosa em 2020. Acredito que a sociedade compreendeu que a universidade faz parte da solução de seus problemas e que a inclusão social, que já tinha começado, foi muito importante. Quando falo em inclusão social, eu falo que há mais de 15 anos criamos mecanismos para essa inclusão. E, há quatro anos, começamos a ter mecanismos mais proativos, criando reservas para os alunos que vêm do ensino público. Por exemplo, no vestibular do próximo ano, 50% dos alunos ingressantes, tanto da Fuvest quanto dos exames do Enem, virão de escolas públicas, e desses, um terço das minorias raciais. E essa inclusão que já começou há quatro anos foi importante para a universidade se enriquecer mais e interagir ainda mais com a sociedade. Essa é uma tarefa muito importante: dar oportunidade a esses jovens que são muito talentosos. Logicamente a universidade tem que ajudar esses alunos, então nós tentamos integrá-los através do esporte, da cultura, do apoio de carreiras, apoio psicológico. Inclusive como nós já tínhamos alunos com mais necessidades financeiras, a universidade, para garantir o ensino remoto, teve que oferecer a um grupo de alunos chips e modems para que eles pudessem ter acesso às aulas. ■







## **A PIRÂMIDE DO PIQUES SÃO PAULO NARRADA PELO LARGO DA MEMÓRIA**

**Gustavo Piqueira conta a história das profundas transformações ocorridas na paisagem da capital a partir de seu primeiro monumento: um obelisco edificado no mais importante entreposto comercial da acanhada cidade do século XIX, hoje escanteado pelo ritmo vertiginoso da metrópole.**



# Amizade IDEAL

UM DOS MAIS RENOMADOS  
PENSADORES BRASILEIROS  
COMENTA A LIGAÇÃO  
INTELLECTUAL DO CRÍTICO  
LITERÁRIO ANTONIO  
CANDIDO COM O SOCIÓLOGO  
FLORESTAN FERNANDES

O crítico Roberto Schwarz é autor de alguns dos mais belos e contundentes ensaios sobre a literatura brasileira, entre eles, clássicos sobre a obra de Machado de Assis. Pensador renomado, estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), fez o mestrado na Universidade de Yale (EUA) e o doutorado na Universidade de Paris III. Até que, na década de 1960, como professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP), encontrou este que seria um importante mentor para seu trabalho, o professor e crítico literário Antonio Candido (1918-2017). Candido, por sua vez, foi grande amigo de um dos principais nomes da sociologia no país, Florestan Fernandes (1920-1995), cujo centenário foi celebrado neste ano. Em homenagem a esta amizade, Schwarz participou de uma conversa após a leitura da peça *Vicente e Antonio – A História de uma Amizade: Florestan Fernandes e Antonio Candido* ([assista aqui](#)), do dramaturgo Oswaldo Mendes, realizada pelo Sesc São Paulo, Casa do Saber e portal de notícias UOL, acompanhado do psicanalista Christian Dunker (*Veja Encontros da Revista E*). A seguir, Roberto Schwarz descreve essa amizade versada em ideias e ideais.



## ODE À DIFERENÇA

A amizade entre Florestan Fernandes e Antonio Candido foi fraterna, intensa e muito especial. Nada indicava que eles fossem ser grandes amigos, pois eram pessoas muito diferentes, pela origem social, pelo temperamento e pelo estilo social. Florestan Fernandes era filho de mãe solteira, empregada doméstica, analfabeta, da qual ele tinha um admirável orgulho. Já Antonio Candido era filho de uma senhora casadíssima, mulher de um médico muito culto e bem-sucedido, numa casa em que se falava francês fluentemente. Florestan era impetuoso, conflitivo, um gigante para trabalhar, com natureza de líder e gostando de aparecer na primeira fila dos combates de que participava. Candido, pelo contrário, era o equilíbrio em pessoa. Ameno, também um gigante para trabalhar, mas não gostando de aparecer e preferindo dar bons conselhos na sombra.

## PAPEL DE VANGUARDA

Pois bem, esses homens, que em princípio não deveriam simpatizar, foram amicíssimos e companheiros durante a vida inteira, sob o signo do socialismo, da lealdade aos pobres do Brasil e da confiança no papel de vanguarda, de regeneração do trabalho universitário. Sem desconhecer os imponderáveis das simpatias pessoais, era uma aliança política, que unia o ímpeto popular progressista, sequioso de luzes e de transformação social, e a convicção socialista de uma pequena fração da elite brasileira, também sequiosa de transformação social, pois tinha certeza do caráter inaceitável das relações sociais em nossa sociedade.

## LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO

Um dos traços surpreendentes da correspondência [*cartas trocadas desde 1942 até a morte de Florestan Fernandes, na década de 1990*] entre os dois é a extraordinária valorização da universidade como elemento de transformação social. Eu sou da geração seguinte, 20 anos mais novo, e na minha geração já se era muito cético em relação à universidade. A palavra acadêmico

era usada por eles em um sentido muito positivo, o que para a geração seguinte já não era atual. Essa perspectiva da geração seguinte foi modificada, por sua vez. A valorização da universidade por eles é um assunto. Florestan opina que a universidade é o lugar onde se pode transformar a sociedade e buscar horizontes novos.

## CIENTISTAS

Tanto Florestan quanto Antonio Candido ambicionavam ser intelectuais e cientistas, de certo modo, de ponta. Eles participavam da discussão

NADA INDICAVA  
QUE ELLES FOSSEM  
SER GRANDES  
AMIGOS, POIS  
ERAM PESSOAS  
MUITO DIFERENTES,  
PELA ORIGEM  
SOCIAL, PELO  
TEMPERAMENTO  
E PELO ESTILO

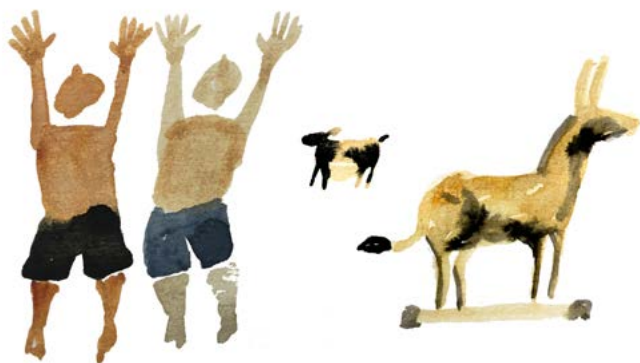
mundial, ambicionando uma contribuição de primeira plana para o trabalho brasileiro. Florestan tinha, claramente, a ideia de fazer, a propósito dos negros, uma pesquisa que fosse de mesmo padrão que as grandes pesquisas empíricas norte-americanas. E Antonio Candido, na sua maneira de trabalhar, tinha presente o que se fazia de mais avançado em reflexão social sobre a literatura. Foi um momento em que a universidade brasileira aspirava fortemente à desprovincialização, sem perder contato com a problemática nacional.

## MOMENTOS HISTÓRICOS

É bom também situar essa amizade do Florestan e do Antonio Candido em seu momento histórico. Eles estavam na universidade lutando contra a ditadura Vargas, lutando pela democracia, em um momento que tinha havido uma espécie de aliança entre o capitalismo liberal anglo-saxônico e a União Soviética para enfrentar o nazifascismo. Então houve um momento no pós-guerra que foi de grande otimismo, parecia que o mundo tomaria um rumo mais decente. Esse otimismo foi derrotado pela evolução recente das coisas, e o problema da feição que a tecnologia tomou hoje tem a ver com essa mudança. Quem sabe numa situação um pouco mais favorável essa tecnologia ganhe, também, um sentido mais favorável. ■



# Quando o Natal não tinha Papai Noel



Paulo Sayeg



ra uma vez um lugar esquecido nos confins do tempo, sem rádio e sem notícias das terras civilizadas, num remoto sertão onde ninguém jamais ouvira falar de Papai Noel. Esse lugar existe. Eu nasci lá.

E se lá não tinha Papai Noel, não havia presentes, ceias, cartões de boas festas, propaganda, votos de um feliz Natal. Desconhecíamos essas coisas, o que era bom. Não faziam falta. O nosso Natal era uma festa singela. Para o menino Jesus.

Como era? Quando dezembro chegava, a meninada se assanhava:

— Oba!

Estava na hora de reunir a turma, dormir uns nas casas dos outros, aninhados aos magotes em camas, redes e esteiras, na maior algazarra. Na verdade, ninguém queria dormir. E isso era o melhor da festa, que começava com uma espécie de desafio: vencer o sono e a noite numa animação sem fim, à espera do sol raiar, quando finalmente pegaríamos a estrada, a caminho dos pés de serra e dos tabuleiros, em busca dos ornamentos para a lapinha. E o que era a lapinha? Um presépio. A representação da manjedoura onde nasceu o menino Jesus.

Meninos, eu conto: íamos ao mato em bando, em bíblica alegria. Priminhos de mãos dadas com priminhas, que não escapavam de uns beliscões safadinhos, incentivados por animadíssimas tias.





E assim íamos: cheios de prosa e dando muita risada, à cata de jericó — uma planta prateada que seca sem morrer — e de gravatá, que vocês conhecem com o nome de bromélia, para a instalação da lapinha no melhor canto da sala de visitas.

Passávamos dias e dias na montagem de um cenário que correspondesse ao imaginário do velho povo, como rezava a tradição, que vinha dos pais de nossos pais e assim para trás, desde que o mundo, aquele mundo, passou a comemorar o Natal.

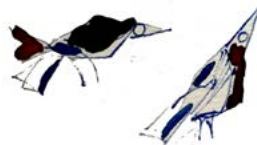
Depois, era esperar as visitas para contemplar a nossa réplica da gruta sagrada, feita de pedras e galhos de árvores, ao fundo de uma planície de areia, repleta de boizinhos de barro, rios de cerâmica com peixinhos de verdade e os reis magos em seus cavalos. E tudo sob uma tênue luz de um candeiro, porque assim eram as nossas noites, tão simplesinhas quanto no tempo de Jesus.

Um dia chegou o motor da luz no povoado. Fechamos a casa, lá na roça, com lapinha e tudo. Fomos ver as novidades.

A igreja estava toda acesa, promovendo quermesses e anunciando a Missa do Galo. Era um novo tempo. Ali na praça iluminada, cheia de atrações nunca antes vistas ou imaginadas, íamos de casa em casa, disputando espaço em suas janelas, para apreciar os presépios, cada um mais deslumbrante do que o outro, graças aos efeitos da eletricidade. Com o motor da luz, chegava o Serviço de Alto-Falantes A Voz do Sertão. E, com ele, as músicas de Natal. Começava uma outra história, um outro Natal.

Era a chegada de Papai Noel. ■

**ANTÔNIO TORRES** é membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), escritor que passeia por cenários urbanos, rurais e da história. Da sua obra, destaca-se a trilogia formada pelos romances *Essa Terra* (1976), *O Cachorro e o Lobo* (Record, 1997) e *Pelo Fundo da Agulha* (Record, 2006, Prêmio Jabuti 2007) e o livro de contos *Meninos, Eu Conto* (Record, 2003). Nasceu no dia 13 de setembro de 1940, num distrito de Inhambupe chamado Junco (hoje a cidade de Sátiro Dias), no sertão baiano.







# SEMANA MODOS DE ACESSAR

3 A 10 DE DEZEMBRO DE 2020

Ações que abordam de maneira transversal o protagonismo da pessoa com deficiência.

Webdoc, performances artísticas, atividades físicas, debates, cursos, matérias e outras atividades.

Acompanhe a programação online:  
[sescsp.org.br/modosdeacessar](https://sescsp.org.br/modosdeacessar)



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

**OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.**

**CRENCIAL PLENA**

- **títular**  
**trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4\*.  
**estagiários do comércio de bens, serviços e turismo** - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**temporários do comércio de bens, serviços e turismo** - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**desempregados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4\*.  
**aposentados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4\*.  
**títular falecido** - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**  
**cônjuge** - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4\*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*  
**filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos)** - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*  
**filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos)** - documento de identidade, CPF, foto 3x4\* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).  
**pais e padrastos** - documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*  
**avós** - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4\*.



**A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.**

**CRENCIAL ATIVIDADES**

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.

**\*A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC**  
**Administração Regional no Estado de São Paulo**  
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

**CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO**

**Presidente:** Abram Abe Szajman.  
**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda

**Efetivos:**

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

**Suplentes:**

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

**REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Efetivos:**

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

**Suplentes:**

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

**CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO**

**Diretor:** Danilo Santos de Miranda

Adauto Perin, Adenor Domiense, Adriane Ribeiro, Alessandra Garcia, Aline Ribenboim, Amanda Brogio, Ana Paula Fraay, Andrea Rodrigues, Beatriz Gomes, Camila Curaçá, Camila Souza, Cibele Nascimento, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Danielle Simas, Danny Abensur, David Sampaio, Demétrio Leite, Diego da Silva Oliveira, Diego de Paula Lemos, Edmar Junior, Eduardo Freitas, Eloi Cipriano, Everaldo dos Santos, Estevão Denis, Fabia Lopez dos Santos, Fabio Luiz Vasconcelos, Fernanda Porta Nova, Gabriela Amorim, Gean Carlo Seno, Gerson Luiz de Souza, Gislene Lopes, Igor Cruz, Ioná Damiana de Souza, Ivan da Hora, Jacy Helena Silva, Jade Stella Martins, João Cotrim, José Junior, José Carlos Ribeiro de Souza, Karla Priscila Carrero, Kenia Militão, Larissa Albuquerque, Luciana Itapema, Lucio Erico Cunha, Marina Reis, Michael Aniellewicz, Mirele Ribeiro, Nathalia Magalhães, Poliana Queiroz, Pyter Santos, Rafael Santos, Rafael Peixoto, Rejane Pereira da Silva, Renato Perez de Castro, Ricardo Carrero da Costa, Silvia Mayeda Dangelo, Sonoe Ono Fonseca, Tamara Demuner, Thais Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Thiago Marchini, Valéria Boa Sorte Amorim, Vanessa Carvalho, Vitória Costa, Vivian Marina Pontin, Viviane Machado Lemos, Willian Yamamoto

**REVISTA E**

**Coordenação Geral:** Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Nilton Bergamini e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

**Jornalista Responsável:** Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)



# Pitadas ONLINE

Imagens: Reprodução

Se tem uma coisa que muitos se aventuraram a fazer em casa na quarentena foi cozinhar. De avental e, claro, celular à mão, velhos, jovens e até crianças aprenderam receitas nestes últimos meses. No começo, “como fazer pão” ocupou o primeiro lugar nas buscas da internet segundo informações divulgadas pela página de busca Google. Depois, o interesse foi ampliando e o cardápio incluiu outros pratos e sobremesas. Sozinhos ou acompanhados, aspirantes a chefs, padeiros, pizzaiolos e até sushimen entraram em ação. Assar um bolo, montar uma lasanha, preparar uma salada se tornaram tarefas saborosas, mas também momentos de troca e de afeto entre pais e filhos, de conversa sobre recordações de receitas de família. Cozinhar se tornou até mesmo uma atividade terapêutica. Descobrimos outros ingredientes e formas de preparar, assim como recuperamos o prazer de sentar à mesa e degustar um almoço feito pelas próprias mãos. Para que isso acontecesse, diversas ações na internet inspiraram curiosos e veteranos das caçarolas. Conheça algumas:



## CICLO DO ALIMENTO

Em seu perfil no Instagram, a nutricionista Neide Rigo ensina o bê-á-bá de um pão: desde o preparo do levain (fermento natural) do zero até colocar a mão na massa e assar o favorito da quarentena. Além disso, ela convida os usuários da rede social a colocar as mãos na terra e fazer uma composteira de vaso até para quem mora em apartamento e, assim, transformar os restos de comida orgânica em adubo para sua horta. Acompanhe: [@NeideRigo](#).

## COZINHA CONSCIENTE

Diversas ações disponíveis nas redes sociais e no canal do YouTube do Sesc São Paulo incentivam pessoas de todas as idades a cozinhar. Na websérie *Alimentação #EmCasaComSesc*, cada episódio traz um nutricionista do Sesc para falar sobre a escolha dos alimentos, a importância do ato de cozinhar, a higienização adequada de frutas/legumes/verduras, além de outras questões comportamentais associadas à comida. Também participam cozinheiros do Sesc, que apresentam receitas desenvolvidas pelas equipes das comedorias com ingredientes acessíveis e modos de preparo simples. Experimente: No canal do YouTube do Sesc São Paulo [Alimentação #EmCasaComSesc](#), e no perfil [@SescSP](#).



## COMIDA QUE TRANSFORMA

Criado pelo chef Edson Leite e pela sócia e terapeuta Adélia Rodrigues, o Gastronomia Periférica acredita na gastronomia como ferramenta de transformação social. Por isso, durante a pandemia, eles e outros professores e parceiros da iniciativa ensinaram receitas de pratos e como aproveitar ao máximo os ingredientes em casa. Os vídeos, disponíveis no perfil do Gastronomia Periférica no Instagram, também são voltados para empreendedores do segmento. Somam-se ainda lives sobre consumo consciente, responsabilidade social no setor de alimentação, plantas alimentícias não convencionais (PANCs), agroecologia, história e cultura da alimentação, entre outros assuntos. Conheça: [@GastronomiaPeriférica](#).

## DO LADO DE LÁ

Logo no começo da quarentena no primeiro país a fazer *lockdown* para contenção da Covid-19, um dos chefs mais premiados do mundo, o italiano Massimo Bottura, começou a fazer transmissões ao vivo na cozinha da própria casa, junto à família. Em seu perfil do Instagram, o chef esbanja bom humor ao ensinar receitas de massas, carnes, sorvete e outros doces, além de ensinar delícias a partir de ingredientes que sobraram na geladeira. Para isso, deu até um nome ao programa: *Kitchen Quarantine*. Massimo Bottura gravou lives respondendo dúvidas dos internautas (os vídeos foram gravados em inglês). Confira: [@MassimoBottura](#).







## A música e seus caminhos

Eu me lembro bem das primeiras semanas da pandemia, quando comecei a entender que a coisa era séria, que não era algo que ia passar em um mês, que estar junto com as pessoas não seria uma possibilidade por um bom tempo. É importante explicar: meu trabalho envolve estar junto com as pessoas, e fazer música com elas, grupos de 20, 50, 100, 200, 1.000 pessoas.

A primeira reação foi medo, afinal esse é o meu propósito, é isso que eu sei e amo fazer, se não puder fazer isso eu sirvo pra quê? Lembro de pensar que talvez nesse “novo normal” eu não servisse para nada, lembro de como isso me assustou... Ao mesmo tempo eu sabia que as coisas mais incríveis acontecem quando a gente se coloca a serviço de algo importante e necessário. Comecei a olhar para fora, a imaginar que talvez outras pessoas estivessem sofrendo com o isolamento e a incerteza, sem tocar, sem abraçar, sem estar junto. E me perguntei: qual a contribuição, mesmo que pequena, que eu posso dar?

A resposta estava menos em “mim” e mais em “nós”. Decidimos nos encontrar virtualmente, eu e as pessoas que participavam dos cursos de canto do Centro de Música do Sesc Vila Mariana, que estavam isoladas em casa, algumas totalmente sozinhas há semanas. No primeiro encontro só nos escutamos sobre como cada um estava lidando com esse desafio, algo tão simples, mas que fez toda a diferença, porém além de estar juntos queríamos também cantar juntos.

Minha primeira tentativa de conduzir um encontro musical pelo virtual foi frustrante, a sensação foi de que “não era a mesma coisa”, aquela mesma coisa que eu sabia fazer e gostava de fazer. Refletindo sobre o encontro percebi que de fato não fazia sentido querer viver no virtual o que estávamos acostumados a viver no presencial, o caminho era aceitar essa “outra coisa” e encontrar sua potência, descobrir o que a gente

ganha por estar nesse meio, mas para isso eu precisava aprender, me reinventar, precisava abraçar o novo.

De lá pra cá foram horas assistindo a vídeos tutoriais, lendo artigos, encontrando as melhores configurações para computador, placas de som, microfones, webcam, loopstation, controlador midi etc.; estudando e experimentando softwares de áudio, edição de vídeo, apps diversos; pesquisando ferramentas como Zoom, Google Drive, YouTube e outros; preparando áudios, vídeos, textos, links...

A cada semana eu e os participantes descobríamos juntos novas experiências e aprendizados que o meio virtual propicia. A conexão e o senso de comunidade que o cantar junto cultivava se manifestavam também ali na tela, e ao mesmo tempo o estudo individual era muito potencializado pelas ferramentas que usávamos. Vivemos coisas que nunca havíamos vivido antes, chegamos a resultados incríveis, crescemos, aprendemos e nos fortalecemos, enxergamos com clareza como é importante, especialmente em momentos como esse, nos reunirmos para trocar, para nos apoiar e para cantar juntos.

Eu não vejo a hora de estar junto presencialmente cantando e criando música, é uma experiência única, especial e insubstituível, mas é impensável voltar para as coisas como elas eram. O virtual abriu possibilidades incríveis das quais o presencial vai se alimentar e, além disso, nós do projeto do Centro de Música do Sesc sempre vamos lembrar desses tempos incertos quando sentirmos na pele que, assim como a flor que rompe o asfalto, a música, que é da essência do humano, sempre encontra um caminho. ■

**ZUZA GONÇALVES** é graduado em Música (curso de Composição e Regência) e educador do Centro de Música do Sesc Vila Mariana.

# GARRINCHA

UMA ÓPERA DAS RUAS

O MUSICAL RELEMBRA A TRAJETÓRIA DE UM DOS  
MAIS FAMOSOS JOGADORES DE FUTEBOL DO  
BRASIL, O GÊNIO DAS PERNAS TORTAS  
MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS,  
O MANÉ GARRINCHA

DIREÇÃO DE **ROBERT WILSON**

SEXTA, 18 DE DEZEMBRO  
**23 HORAS**

14





